



Relatório Final de Estágio Pedagógico

Relatório Final de Estágio realizado na Escola Básica 2,3
Eugénio dos Santos, com vista à obtenção do Grau de
Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

Orientador de Escola: Mestre Maria Manuela Moura Pimentel
Fonseca Pereira Jardim

Orientador de Faculdade: Mestre Maria João Figueira Martins

Júri:

Presidente

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Maria João Figueira Martins, professora assistente convidada da
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Pereira Jardim, docente da
Escola Básica 2, 3 Eugénio dos Santos de Lisboa

Ana Catarina Frazão Carola

2013

**"Diz-me e eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei
Envolve-me e eu aprenderei"**

Agradecimentos

Aos meus alunos que me permitiram ser Professora;

À Professora Manuela Jardim, pelo acompanhamento, dedicação e contribuição no meu desenvolvimento como Professora;

À Professora Maria Martins, pelos momentos de formação e de apoio;

À Diana Coelho e Rui Oliveira, pelo companheirismo e amizade.

À Rita Madeira, pela grande amizade e por todas as horas de trabalho realizado em conjunto.

À Professora Natália Silva, pela experiência, competência e cooperação;

À Professora Simone Santo, pela experiência e ajuda;

À comunidade escolar da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, pela maneira como me recebeu enquanto Professora Estagiária;

Aos meus Treinadores Alexandre Monteiro e Luísa Monteiro por todos os momentos que partilhamos e por todos os conselhos;

Ao meu grupo de treino, Mara Martinho, Rafael Rucha, Gonçalo Cláudio, Tiago Costa, Vasilina Vasiliev, Ana Monteiro, Miguel Cruz, Fábio Ferreira e Nicole Morais, pelas horas passadas em conjunto e por me fazerem acreditar que com dedicação todas as coisas se realizam;

A toda a minha família, especialmente ao Pai, à Mãe, ao João, ao Pedro, à Avó Graça e à Tia Zé que, para além de serem um pilar na minha vida, contribuem diariamente para o meu desenvolvimento como pessoa e cidadã e por sempre me dizerem que, com calma e ponderação, tudo se faz.

Ao meu Avô João cuja memória me guia todos os dias.

Resumo

O presente relatório final constitui-se como uma análise reflexiva do processo de estágio pedagógico, integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

O estágio foi desenvolvido na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, tendo como base o Guia de Estágio Pedagógico de 2012/2013 que explica as competências a adquirir nas quatro áreas de intervenção.

Na área 1-**Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem** refiro a relação existente entre planeamento, condução e avaliação nas aulas de educação física.

Na área 2-**Inovação e Investigação Pedagógica** desenvolvi um estudo sobre a perceção dos professores acerca dos comportamentos em contexto de aula.

Na área 3-**Participação na Escola** participei no Desporto Escolar, na modalidade de Basquetebol e desenvolvi a atividade “Dos 8 aos 80”.

Na área 4-**Relação com a Comunidade** distingo o acompanhamento da Direção de Turma.

Em cada uma das áreas será realizada uma reflexão sobre a prática pedagógica, as dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para as ultrapassar.

Por último, realizarei uma reflexão final sobre todo o processo inerente ao estágio referindo os contributos que este teve para a minha formação e as linhas orientadoras criadas para o meu futuro como professora de Educação Física.

Palavras-Chave: Alunos, Cooperação, Desporto Escolar, Dificuldades, Diretor de Turma, Educação Física, Estratégias, Formação, Processo ensino-aprendizagem, Reflexão

Abstract

This final report is a reflective analysis of the process of educational teaching training integrated in the Master Degree in Teaching Physical Education in Basic and Secondary school.

Developed at Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, this internship is based on the competences listed in the Teacher Training Guide 2012/2013 in order to develop four intervention areas.

In Area 1 - Organisation and Management of Teaching and Learning, I refer the relationship that's present between planing, leading and evaluating in Physical Education Classes.

In Area 2 - Innovation and Educational Research, is developed a study about the perception of teachers on class behaviours.

In Area 3 - Participation in School, I was part of school sports, in Basketball and developed "Dos 8 aos 80" activity.

In Area 4 - Relationship with the Community is distinguished the following of Class Direction

In each of these areas there will be a reflection on teaching practice, the difficulties that emerged and the strategies used to overcome them.

Finally, I will perform a final reflection on the whole process inherent to the teaching internship, referring to it's contributions for my education and the guidelines that were created for my future as a physical education teacher.

Key-Words: Cooperation, Class Director, Difficulties, Formation, Physical Education, Reflection, School Sports, Strategies, Students, Teaching-learning Process.

Índice

1	Introdução.....	1
2	Contextualização	3
2.1	Escola.....	3
2.2	Subdepartamento de Educação Física	7
2.2.1	Grupo de Educação Física	7
2.2.2	Núcleo de Estágio	9
2.3	Recursos espaciais e materiais para as aulas de Educação Física ...	10
2.4	Turma – 7º B.....	10
3	Área 1 - Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem	12
4	Área 2 – Inovação e Investigação.....	32
5	Área 3 – Participação na Escola.....	41
6	Área 4 – Relação com a Comunidade	51
7	Conclusão.....	59
8	Bibliografia.....	62
9	Anexos	65

Índice de anexos

Anexo 1 – Projeto Educativo

Anexo 2 – Protocolo de Avaliação Inicial

Anexo 3 – Protocolo de Avaliação Sumativa

Anexo 4 - Projeto Curricular de Educação Física

Anexo 5 – Estudo de Turma

Anexo 6 – Teste Diagnóstico dos Conhecimentos

Anexo 7 – Fichas de Observação da Avaliação Inicial

Anexo 8 – Plano Anual de Turma

Anexo 9 – Plano da 2ª Etapa

Anexo 10 – Plano da 1ª Unidade de Ensino

Anexo 11 – Fichas de Heteroavaliação

Anexo 12 – Fichas para a Prova Global

Anexo 13 – 1ª Ficha de Observação d

Anexo 14 – 2ª Fichas de Observação

Anexo 15 – Projeto de Investigação Educacional

Anexo 16 – Relatório de Avaliação Externa

Anexo 17 – Guião da Entrevista

Anexo 18 – Questionário

Anexo 19 – Trabalho de Investigação Inovação

Anexo 20 – Apresentação em Powerpoint do trabalho de Investigação Inovação

Anexo 21 – Inquérito de Satisfação

Anexo 22 – Programa do Desporto Escolar

1 Introdução

O presente relatório é elaborado numa perspetiva reflexiva ao longo do qual analiso o processo de Estágio Pedagógico realizado na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, no ano letivo de 2012/2013, integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana. Uma vez que o Estágio Pedagógico culmina um processo de formação que habilita profissionalmente para o desempenho das funções enquanto Professora de Educação Física, é particularmente gratificante realizar este propósito reflexivo sobre um percurso pautado pelo trabalho árduo, pela vontade de aprender, pelas experiências e conselhos partilhados e pela satisfação de ter conseguido encontrar os melhores caminhos para ultrapassar os obstáculos que foram surgindo.

Esta análise tem por base as competências definidas no guia de estágio e desenvolveu-se a partir da reflexão crítica sobre o estágio pedagógico e a sua importância determinante no meu desenvolvimento pessoal e profissional. A realização desta análise crítica sobre o meu processo de formação possibilitar-me-á projetar e estruturar diretrizes que me auxiliarão no meu futuro profissional. Nestes termos, importa sublinhar que durante a minha formação como professora procurei ter sempre presente a seguinte citação:

O ensino em Educação Física tem como objetivos garantir um nível elevado da formação básica – corporal e desportiva de todos os alunos. Como disciplina escolar a Educação Física constitui a forma fundamental e mais importante da formação corporal das crianças e jovens, na qual o respetivo professor conduz um processo de educação e aprendizagem motora e desportiva.

(Bento, 1998, p.41)

Numa primeira parte deste relatório é apresentada uma contextualização do local onde se desenvolveu o estágio, caracterizando de forma reflexiva a escola, o subdepartamento de Educação Física, os recursos espaciais e materiais disponíveis para a lecionação da disciplina e, em particular, a turma que acompanhei durante o ano letivo.

Na segunda parte apresentarei uma análise reflexiva das quatro áreas que compõe o estágio: “Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem”, “Inovação e Investigação”, “Participação na Escola” e “Relação com a Comunidade”. Em cada área são referidas as atividades desenvolvidas, procurando refletir sobre as dificuldades que

surgiram durante este processo, as estratégias utilizadas para as colmatar e o seu contributo para o meu futuro profissional.

Apesar de se apresentar a análise dividida por áreas, este processo necessita de ser visto e compreendido como um todo. Assim, sempre que se justificar, evidenciarei as sinergias existentes entre as quatro áreas que compõem o estágio pedagógico, refletindo sobre o seu contributo para a minha formação.

Por último, realizarei uma reflexão final e globalizante sobre todo o processo inerente ao estágio pedagógico, sublinhando as linhas orientadoras criadas para o meu futuro como professora de Educação Física.

2 Contextualização

2.1 Escola

O Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos foi constituído no ano letivo de 2004/05. Integra cinco estabelecimentos de ensino: EB 2,3 Eugénio dos Santos, EB1/JI Santo António, EB1 Fernando Pessoa, EB1 Bairro de S. Miguel e EB1 Rainha D. Estefânia. A meio do presente ano letivo, o agrupamento anteriormente referido agrupou-se à Escola Secundária Rainha D. Leonor, ficando esta como sede de agrupamento. Assim, o agrupamento passou a designar-se Agrupamento de Escolas Rainha D. Leonor, gerido por uma Comissão Administrativa Provisória (CAP), presidida pela antiga diretora da Escola Rainha D. Leonor sendo a antiga diretora da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos a vice-presidente.

O agrupamento de escolas permite a existência de articulação entre as mesmas, bem como a planificação e a conceção de atividades para os diversos ciclos que integram o agrupamento. No entanto, a articulação vertical ao nível da gestão do currículo poderia estar mais sistematizada e estruturada (IGE, 2010). Seguindo esta linha de pensamento, Duarte (2009) refere que agrupar escolas de diferentes ciclos implica a existência de um projeto educativo que orienta todo o trabalho a desenvolver nas escolas, e que a sua concretização só terá sucesso se existir trabalho colaborativo entre os docentes. Deste modo, a extensão e a eficácia desse trabalho colaborativo resultará necessariamente em benefício para o percurso escolar dos alunos, potenciando o sucesso, uma vez que se esbatem as diferenças quando transitam, fruto de uma maior integração e de um maior conhecimento das práticas em cada um dos níveis de ensino que, deste modo, surgem naturalmente articuladas/ integradas. Durante o estágio pedagógico não tive conhecimento do modo como é realizada a articulação nos restantes departamentos disciplinares, mas na disciplina de Educação Física existe esta articulação entre os docentes do subdepartamento.

Realizar o estágio numa escola agrupada proporcionou-me algumas experiências vantajosas, tais como planear e realizar atividades que englobaram os diferentes ciclos de escolaridade, como o projeto “Dos 8 aos 80”¹ onde estiveram envolvidos os alunos do 1º, 2º e 3º ciclo, sendo necessário conceber as atividades, nas suas múltiplas vertentes, tendo em conta o nível etário e de desempenho físico dos participantes, tornando-a

¹ Este projeto é organizado por todas as disciplinas pertencentes ao Departamento de Expressões, cabendo ao subdepartamento de Educação Física a realização de jogos tradicionais.

atrativa e gratificante para todos. Foi sem dúvida uma experiência enriquecedora da minha formação, tanto em termos de planeamento como de implementação.

A Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos situa-se na freguesia de S. João de Brito. Foi construída em 1950 e ao longo dos tempos tem assumido diferentes designações em função do tipo de ensino a que se destina. A atual designação data de 1993. A escola é constituída por um edifício central, três corpos independentes, campos de jogos, pátios e jardim. No edifício central encontram-se a maioria das salas de aula, a sala de professores, a sala de diretores de turma, sala de atendimento aos encarregados de educação, os serviços administrativos e a direção. A sala de professores é um local onde os docentes podem trabalhar e conviver com os restantes colegas. Para mim, foi um espaço mais direcionado para o convívio, uma vez que existe um gabinete de Educação Física, local onde realizei todo o meu trabalho ao longo do ano letivo. Na sala de diretores de turma desenvolvi todo o trabalho inerente à direção de turma e na sala de atendimento tive a oportunidade de falar com os encarregados de educação dos alunos. A existência destes dois espaços permite ao diretor de turma aceder a todas as informações dos alunos, tratar de todos os assuntos relacionados com a direção de turma e ter um espaço mais reservado para falar com os encarregados de educação. Neste edifício existe igualmente uma sala de acompanhamento, para onde são dirigidos os alunos que recebem ordem de saída da sala de aula. Na minha opinião esta sala é uma mais-valia, uma vez que os alunos têm uma tarefa para cumprir e são acompanhados por um docente. Num dos edifícios encontramos o refeitório, bar dos alunos, balneários, ginásios, sala de ténis de mesa e o já referido gabinete de Educação Física. Nos restantes corpos, independentes, existem: o clube de artes e a papelaria; salas de Educação Musical, salas de EV/ET, um pequeno ginásio e uma sala multiusos.

Segundo Jacques Delors (1996, citado por Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, 2010) a educação deve organizar-se em torno de quatro pilares: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser e aprender a viver juntos*. A escola deve ter estes pilares presentes durante o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. Deste modo, a escola deve conhecer os seus alunos, procurando perceber se existem eventuais dificuldades sociais, pessoais ou académicas, compreendendo o melhor modo de as colmatar, com rigor, qualidade, empenho, esforço e dedicação contribuindo, assim, para o sucesso dos alunos, durante a sua formação académica e futuros cidadãos. Para tal, o diretor de turma deve ter um conhecimento aprofundado sobre os alunos e deve estabelecer uma relação de colaboração e de estreita proximidade com os encarregado de educação, de modo, a proporcionar o sucesso académico e social dos alunos.

O Agrupamento é frequentado por alunos estrangeiros que beneficiam de apoios específicos, nomeadamente aulas de Português como língua não materna. Frequentam o Agrupamento alunos com necessidades educativas especiais, os quais beneficiam de apoio específico da equipa de Educação Especial. De acordo com a sua problemática são organizadas respostas educativas específicas em termos pedagógicos, materiais e humanos, inscritas no seu programa educativo individual. (*Projeto Educativo – Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos, 2010-2013*). Durante o ano letivo pude constatar que os docentes do departamento de Educação Especial e os diretores de turma trocavam informações sobre os alunos, nomeadamente sobre o desempenho escolar dos mesmos. Como futura professora considero essencial a existência deste contacto sistemático, uma vez que promove o sucesso académico e social destes alunos, tendo em conta o seu perfil de funcionalidade. Considero que os restantes professores do conselho de turma também devem beneficiar das informações que vão surgindo sobre estes alunos, sendo necessário aprimorar os canais de comunicação que o potenciem.

Segundo o Projeto Educativo (anexo 1) o Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos definiu duas grandes finalidades educativas: O aumento do sucesso educativo e a melhoria da qualidade do serviço público de educação. Para tal, estipularam-se objetivos para ambas as finalidades. Para o aumento do sucesso educativo, é necessário melhorar o desempenho escolar nas várias disciplinas e promover a qualidade do ensino e da aprendizagem, tendo em vista a formação integral dos alunos. Para melhorar o desempenho nas disciplinas é necessário que os professores acompanhem os alunos com mais dificuldades, concebendo estratégias de recuperação ou de apoio, diversificando as suas estratégias de ensino e os recursos utilizados nas aulas. Para promover a qualidade do ensino e da aprendizagem, tendo em vista a formação integral dos alunos, é essencial o desenvolvimento cívico dos alunos, bem como a integração e inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais. Para a melhoria da qualidade do serviço público de educação é essencial desenvolver uma cultura de cooperação, que se evidencie no trabalho pedagógico, nas relações interpessoais e na ligação à comunidade; Contribuir para a melhoria de condições de trabalho que favoreçam o desenvolvimento pessoal e aumentem a qualidade do serviço público de educação; Fomentar a identidade e o sentimento de pertença ao Agrupamento, valorizando aspetos da cultura existente e promovendo iniciativas que consolidem esse sentimento. O Agrupamento enumerou diversas estratégias que visam o cumprimento dos objetivos anteriormente referidos. Deste modo, é necessário melhorar a articulação entre as escolas do agrupamento, partilhar experiências pedagógicas entre os docentes,

cultivar a colaboração entre o pessoal docente e não docente e incentivar os encarregados de educação a participarem nas reuniões e nas atividades letivas.

Durante o meu processo de formação como professora é de realçar a importância do cumprimento dos objetivos e a implementação das respetivas estratégias, estipuladas pela escola para potenciar o sucesso académico e social dos alunos. O professor deve acompanhar os alunos com mais dificuldades, sem nunca descurar os restantes alunos, o que, por vezes, se torna complicado numa turma mais numerosa. O professor deve implementar estratégias para ultrapassar essas dificuldades e deve ter a capacidade de perceber se estas estão a ir ao encontro das necessidades dos alunos. É de extrema importância desenvolver a educação social e a integração dos alunos na sociedade. Para tal, a contribuição do diretor de turma é imprescindível, uma vez que pode utilizar a disciplina de Formação Cívica para este desenvolvimento social e pessoal dos alunos. O diretor de turma é também o elemento de ligação entre a escola e a família, vertente importantíssima das suas funções, uma vez que informa os encarregados de educação sobre o desempenho escolar e eventuais questões de ordem comportamental dos respetivos educandos, viabilizando a reflexão conjunta e o estabelecimento de soluções para se ultrapassarem eventuais dificuldades.

A Escola dispõe de um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, que pretende intervir junto dos alunos e das famílias para melhorar o desenvolvimento pessoal, social e escolar dos educandos. A escola disponibiliza igualmente apoios nas diversas disciplinas, para onde os professores podem encaminhar os alunos com mais dificuldades de aprendizagem, procurando garantir que as ultrapassem e que alcancem o desejado sucesso escolar. Os alunos podem também ter apoio na disciplina de Educação Física, onde, com a ajuda de um dos professores da disciplina, podem superar as suas dificuldades. Considero que seria positivo existirem mais horas dedicadas a este apoio, de modo a que um maior número de alunos pudesse usufruir desta ajuda.

Para a concretização de todos os objetivos acima mencionados é necessário que exista articulação e colaboração entre os membros da comunidade escolar, para que todo este processo seja garantido.

A escola e toda a comunidade educativa (órgãos da direção, corpo docente e não docente, alunos e encarregados de educação) receberam os estagiários da melhor forma. Todos se revelaram sempre disponíveis para nos auxiliar no que necessitássemos, tendo colaborado connosco em todas as atividades e tarefas desenvolvidas, designadamente no que respeita ao trabalho de investigação da área 2 e na atividade “Dos 8 aos 80”.

2.2 Subdepartamento de Educação Física

2.2.1 Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física insere-se no Departamento de Expressões, à semelhança dos grupos de Educação Tecnológica, Educação Visual, Educação Musical e Educação Especial. O facto de estarmos inseridos num departamento, permite aos docentes partilhar experiências e informações pedagógicas pertinentes entre todos. Considero que deviam realizar-se reuniões de Departamento com maior frequência com o intuito de potenciar o sucesso educativo dos alunos.

Durante o período em que decorreu o estágio, o grupo de Educação Física foi constituído por sete professores e por quatro estagiários da Faculdade de Motricidade Humana, sendo que quatro lecionaram o 2º ciclo e os restantes lecionaram o 3º ciclo. Cada professor de Educação Física foi responsável por um núcleo de Desporto Escolar existente na escola (Basquetebol, Voleibol, Futsal, Badminton, Ginástica, Patinagem e Ténis de Mesa), sendo que cada um dos estagiários acompanhou um desses núcleos. Deste modo, os alunos puderam usufruir de vários desportos em que foram auxiliados por professores experientes. Durante a minha formação como professora foi essencial este acompanhamento, porque tive a oportunidade de aprender com a experiência e o conhecimento da professora responsável.

Todo o trabalho realizado no subdepartamento ao longo do ano letivo tem por base os seguintes documentos: Os Programas Nacionais de Educação Física; o Projeto Curricular de Educação Física; o Protocolo de Avaliação Inicial; o Protocolo de Avaliação Sumativa, o Projeto Educativo de Escola e o Regulamento Interno da Escola. É através destes documentos que os professores organizam e planeiam o seu trabalho, evidenciando diferentes formas de concretização. Os Programas Nacionais de Educação Física são os principais documentos orientadores dos professores de Educação Física, como referem Jacinto, Comédias, Mira e Carvalho (2001) a conceção da Educação Física centra-se no valor educativo da atividade física pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno. Assim, esta conceção visa a “apropriação das habilidades técnicas e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada – intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa” (p.4). O Protocolo de Avaliação Inicial (anexo 2) e o Protocolo de Avaliação Sumativa (anexo 3) foram elaborados pelo subdepartamento com base nas orientações dos Programas Nacionais de Educação Física e deve ser aplicado por todos

os professores do subdepartamento. No Protocolo de Avaliação Inicial estão contempladas as matérias que os professores devem observar durante a avaliação inicial para posteriormente planejarem o trabalho a desenvolver durante o ano letivo. No Protocolo de Avaliação Sumativa estão mencionados os níveis que os alunos têm de atingir nas diferentes matérias para ser atribuído uma nota quantitativa. O Projeto Curricular de Educação Física (anexo 4) é um documento que orienta a organização do trabalho dos professores do Subdepartamento. Neste documento são apresentados os recursos humanos, materiais e espaciais para a lecionação da disciplina; o regulamento interno da disciplina, que enumera as regras de funcionamento, o sistema de faltas, o equipamento obrigatório e as três avaliações utilizadas em Educação Física.

O Projeto Educativo (anexo 5) é o principal documento orientador do trabalho a desenvolver pelos docentes da Escola, uma vez que, contempla os objetivos, as metas e as estratégias para a ação educativa do agrupamento.

O subdepartamento organiza atividades desportivas para os alunos da escola, como o Corta-Mato, o Mega Salto e o Mega Sprint e outras destinadas especificamente para cada ciclo. No 2º ciclo desenvolveram-se as “Eugeníadas” do Jogo do Mata, Bola ao Fundo, Ginástica e Futebol e para o 3º ciclo a “Taça Eugénio” de Voleibol e Futebol. Para a minha formação foi muito importante estar presente na fase de planeamento, organização e execução das atividades, uma vez que me deu algumas bases para o meu futuro como professora. Durante o meu percurso na escola pude constatar a grande adesão dos alunos a estas atividades. Considero que a Ginástica e o Minitrampolim deviam fazer parte da “Taça Eugénio”, porque nas diversas aulas a que pude assistir dos meus colegas de estágio e dos professores do subdepartamento, verifiquei que existem alunos que evidenciam uma grande aptidão para estas duas matérias e seria gratificante para estes alunos que as mesmas integrassem o referido evento desportivo.

O subdepartamento agenda reuniões para se discutirem assuntos relacionados com avaliações dos alunos e atividades a desenvolver, como as Eugeníadas, a Taça Eugénio ou a atividade “Dos 8 aos 80”. Um aspeto que seria benéfico considerar no funcionamento do grupo seria a realização de reuniões com maior regularidade. Assim, para além de se averiguarem eventuais dificuldades de ensino, existiria também uma maior articulação entre os professores. Deste modo, em conjunto, conseguiriam encontrar-se soluções para colmatar essas mesmas dificuldades, uma vez que cada professor através da sua experiência e com bases de trabalho diferenciadas poderiam partilhar mais profundamente os seus conhecimentos com os restantes membros do grupo.

2.2.2 Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio existente na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos foi composto por quatro estagiários, todos licenciados em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana. Cada um de nós, para além de ter uma turma de 7º ano, acompanhou um núcleo de Desporto Escolar – Basquetebol, Ginástica, Patinagem e Voleibol. As quatro turmas que nos foram atribuídas caracterizaram-se por serem bastante distintas entre si. Assim tivemos a possibilidade de experienciar diferentes situações de lecionação e aprendizagem, como a diversificação de estratégias de ensino, estabelecimento de regras de funcionamento e métodos de controlo da indisciplina. A realização do estágio pedagógico no contexto de um núcleo tem evidentes benefícios ao nível da cooperação entre os estagiários, uma vez que cada um tem hábitos desportivos consolidados. Atualmente eu pratico Atletismo, das minhas colegas uma leciona num Ginásio, enquanto a outra pratica Ginástica, e o meu colega pratica Futebol. O facto de termos experiências desportivas diferentes permitiu-nos partilhar entre nós essas mesmas experiências e conhecimentos relativos às modalidades, contribuindo assim para o nosso desenvolvimento como profissionais. A oportunidade de observar as aulas dos colegas, partilhando e percebendo as opções de implementação de determinadas estratégias de ensino adotadas por cada um, permitiu-nos identificar as dificuldades dos colegas para, posteriormente, os ajudar a ultrapassá-las. Um dos constrangimentos que existiu no núcleo foi a incompatibilidade de horários, mas conseguimos gerir esta dificuldade, através de marcação de reuniões de grupo após o término ou no intervalo das atividades letivas. Um aspeto importantíssimo na nossa formação foi a presença em todas as aulas da professora orientadora, registando os aspetos positivos e a melhorar observados nas mesmas. No final de cada semana reuníamos-nos e realizávamos um balanço das aulas de cada um dos estagiários, referindo os aspetos positivos e negativos da aula através da autoscopia e, por último, ouvíamos a perspetiva dos colegas e da professora para em conjunto aferirmos estratégias para colmatar as eventuais dificuldades evidenciadas na aula. A professora orientadora deu-nos a possibilidade de intervir nas suas aulas, através de situações de micro-ensino com os alunos, o que nos permitiu intervir em matérias em que estivéssemos menos à vontade, de modo a colmatar as nossas dificuldades e ajudar os próprios alunos a ultrapassar as suas dificuldades nas diversas matérias. A professora orientadora da faculdade também assumiu um papel fundamental no nosso percurso como professores, uma vez que se mostrou sempre disponível para nos auxiliar nos diversos trabalhos que tivemos de desenvolver, tendo ainda observado várias aulas ao longo do ano letivo, o que possibilitou verificar e

comparar alguns aspetos que iam melhorando e outros que ainda necessitavam de ser trabalhados na leção das aulas.

2.3 Recursos espaciais e materiais para as aulas de Educação Física

A Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos apresenta boas condições tanto a nível espacial como material para a leção das aulas de Educação Física.

A Escola possui seis espaços de aula, dois exteriores, o Pátio Principal e o Pátio Superior e três interiores, o Ginásio A, o Ginásio B, o Ginásio C e a Sala de Ténis de Mesa. O Ginásio B é um complemento ao Pátio Principal e o Ginásio C ao Pátio Secundário. A existência destes espaços possibilita aos professores lecionarem sempre uma aula prática, mesmo quando, por questões climáticas ou outras razões, não seja possível utilizar o Pátio Principal e o Pátio Secundário. Por outro lado, todos os espaços são polivalentes, permitindo aos docentes lecionarem um leque de matérias dentro do mesmo espaço.

O grupo de Educação Física elabora todos os anos um horário com as rotações pelos espaços, o qual se mantém ao longo do ano letivo. Esta rotação está organizada para que todas as turmas passem, durante a semana, pelos três principais espaços existentes (Ginásio A, Pátio Principal e Pátio Superior/Ginásio C). Esta rotação pelos espaços, permite aos professores organizarem e planearem as suas aulas ao longo do ano letivo, de modo, a desenvolver todas as competências inerentes ao sucesso da Educação Física e lecionarem todas as matérias contempladas na avaliação sumativa.

2.4 Turma – 7º B

A turma em que lecionei durante o ano letivo foi o 7º B. Era uma turma com horário da manhã, e integrava muitos alunos inseridos no âmbito do regime articulado², uma vez que frequentavam igualmente o Instituto Gregoriano de Lisboa, a Academia de Amadores de Música ou a Escola de Música do Conservatório Nacional. A turma era composta por 28 alunos, 19 raparigas e 9 rapazes. Dos 28 alunos, 19 provinham da turma 6º F, 4 de outras quatro turmas do 6º ano e uma das alunas era oriunda do agrupamento de escolas Luís de Camões. A turma integrava dois alunos com Necessidades Educativas Especiais, que eram acompanhados pela equipa de Educação Especial da escola. Os alunos da turma eram caracterizados por terem um bom aproveitamento em praticamente todas as disciplinas e as suas vivências escolares enriquecidas pelas suas experiências artísticas e culturais. Era um grupo que não

² Portaria n.º 225/2012, de 30 de julho

apresentava comportamentos de indisciplina, embora fosse indicada por ter vários alunos conversadores, manifestando, por vezes, alguns comportamentos fora da tarefa. Apesar destes aspetos, constata-se que era um grupo com muitos alunos empenhados e trabalhadores.

No início do ano letivo tive a oportunidade de realizar uma caracterização da turma, permitindo-me saber como os alunos se definiam, que pretendiam vir a exercer uma profissão que requer estudos de nível superior, parecendo corresponder às expectativas familiares, uma vez que os seus encarregados de educação são detentores de graus académicos desde o Bacharelato ao Doutoramento, que a disciplina preferida de praticamente todos os alunos é a Educação Física, sendo a Patinagem, o Futebol, o Atletismo, o Badminton, a Ginástica de Solo e o Voleibol as matérias mais escolhidas. Para além das atividades inerentes ao ensino articulado, cerca de 18 alunos praticavam desporto fora da escola. Relativamente ao Desporto Escolar cerca de 14 alunos já tinham participado em anos anteriores e 6 alunos participaram durante o ano letivo em apreço.

Esta caracterização também englobava um estudo sobre as relações interpessoais da turma. A aplicação deste estudo foi importante para compreender as escolhas e as rejeições dos alunos dentro da turma. Deste modo, pude perceber as relações estabelecidas no seio da turma, permitindo-me formar criteriosamente os grupos de trabalho, separando os alunos mais conversadores e os que se relacionavam mal ou colocando os alunos rejeitados juntamente com os mais escolhidos, contribuindo assim para a integração dos alunos na turma.

Durante o ano letivo verifiquei que os alunos evoluíram a cada dia nas diversas matérias lecionadas nas aulas de Educação Física. É de reconhecer também a persistência de algumas alunas em ultrapassar as suas dificuldades, mostrando-se cada vez mais empenhadas nas tarefas propostas e na cooperação e interajuda existente entre os alunos da turma. No início do ano letivo foi necessário estabelecer algumas rotinas e regras de funcionamento na aula, como a formação de uma meia-lua nos momentos de instrução; no início da aula deveriam colocar a fita correspondente ao seu grupo; e a importância de chegarem a horas à aula. Praticamente todas as rotinas foram asseguradas por parte dos alunos, à exceção da pontualidade.

3 Área 1 - Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem

A área de Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem constituiu a área principal do estágio pedagógico e contemplava três subáreas – Planeamento, Condução e Avaliação. Esta área foi desenvolvida como um todo, uma vez que todas as subáreas estão interligadas e relacionadas diretamente com todo o processo ensino aprendizagem, não podendo, assim, serem vistas individualmente.

Todos os documentos orientadores elaborados pelo subdepartamento de Educação Física e pela escola são a base para todo o trabalho a desenvolver durante o ano letivo. Para além da leitura dos documentos orientadores, as primeiras semanas de estágio foram dedicadas às reuniões de preparação do início do ano letivo e receção dos alunos. Numa das primeiras reuniões do ano letivo tive a oportunidade de conhecer a diretora de turma que iria acompanhar, tendo-se iniciado desde logo o trabalho inerente à direção de turma. Nos nossos primeiros encontros a diretora de turma partilhou várias indicações importantes sobre o funcionamento da escola, bem como sobre a turma com que iria trabalhar durante o ano.

Durante as semanas iniciais realizaram-se as primeiras reuniões com as duas orientadoras para preparar e organizar o trabalho a desenvolver durante o ano letivo. Assim, no início das aulas, a professora orientadora aconselhou-nos a planear quatro aulas de adaptação, uma em sala de aula (aula de apresentação) e três aulas práticas de jogos pré-desportivos nos três espaços desportivos. Estas aulas de adaptação tinham como objetivo orientar e adaptar o professor estagiário à turma, aos espaços de aula, ao planeamento e à condução de uma aula.

Segundo Bento (1998):

O planeamento em Educação Física diz respeito, ao aperfeiçoamento das capacidades motoras, à formação de habilidades técnicas, à transmissão de um repertório motor e de conhecimento, à acentuação dos pontos educativos essenciais e ao controlo de resultados. O sucesso do planeamento depende da medida em que indicações do programa, elaboração de planos, realização dos planos e o controlo desta são percebidos e utilizados como um todo unitariamente eficaz, bem como da existência no professor de pensamento consciente, responsável e criativo (p. 36).

As aulas de adaptação permitiram-me conhecer os alunos (“problemáticos”, mais pró-ativos e mais tímidos), identificar os alunos com mais dificuldades, criar um clima relacional positivo (aluno-professor; aluno-aluno; aluno-tarefa) e a aquisição de rotinas

para a aula por parte dos alunos. Deste modo, considero que esta fase foi fundamental para iniciar a minha formação, porque me permitiu identificar alguns alunos que revelavam dificuldades ao nível do seu desempenho motor, quando, por exemplo, tiveram de realizar alguns exercícios básicos de controlo e condução de uma bola, ou de concretizar alguns movimentos gímnicos simples, levando-me a perspetivar, de certa forma, alguns grupos de trabalho. Tive oportunidade de ter uma primeira experiência na realização de planos de aula, conheci e identifiquei alguns alunos que na realização das tarefas demonstraram comportamentos desviantes e fora da tarefa. Em sequência, para garantir uma boa organização e gestão de aula foi fundamental criar rotinas de trabalho nos alunos, como chegar a horas à aula, colocarem a fita assim que entravam no espaço de aula e perguntarem quantas voltas tinham de cumprir para o aquecimento. Estas rotinas auxiliaram-me para a etapa seguinte – a avaliação inicial. Futuramente esta estratégia poderá ser-me útil no início de cada ano letivo, uma vez que permite conhecer o nome dos alunos e a turma no geral. Este período de adaptação apenas faz sentido quando não se conhece os alunos da turma. No caso de se verificar a continuidade pedagógica, iniciaria o período de avaliação inicial imediatamente após a aula de apresentação.

No início do ano, durante o trabalho conjunto com a diretora de turma integrado na área 4 - “Relação com a Comunidade”, realizei um estudo de turma (anexo 5) através de três instrumentos: a ficha individual do aluno, a ficha biográfica e o teste sociométrico. Realizei ainda um levantamento da avaliação dos alunos em Educação Física no ano anterior. Estes instrumentos permitiram-me conhecer o historial académico dos alunos, as características pessoais de alguns em particular e a sua relação com a disciplina de Educação Física. O teste sociométrico possibilitou-me perceber as relações interpessoais existentes na turma, identificando os alunos rejeitados pelos colegas. Com base neste estudo criei algumas expectativas sobre o desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física, como refere Rosado (2009) questionar os alunos sobre a sua vida pessoal, escolar e extraescolar, interesses e problemas, contribui para a relação entre professores e alunos criando condições para alcançar os objetivos educativos.

Através do atendimento aos encarregados de educação obtive informações sobre a vida escolar e pessoal dos alunos, o que me ajudou a perceber algumas atitudes dos alunos face à sua vida escolar.

A disciplina de Formação Cívica tem como principal objetivo a educação para a cidadania, procurando formar cidadãos responsáveis e ativos na sociedade em que se inserem. A Educação Física para além de incentivar os alunos para a prática desportiva e

a adoção de estilos de vida saudáveis, também fomenta a educação desportiva, como refere Rosado (2009) os valores desportivos são valorizados em ambientes desportivos, uma vez que estimula a educação social e cívica, a cooperação e o respeito mútuo. Deste modo, a presença constante nas aulas de Formação Cívica e durante as aulas de Educação Física permitiu-me ter um contacto mais próximo com os alunos, incentivando-os à cooperação e interagindo com os colegas da turma. Como os alunos da turma integravam o ensino articulado, e para fomentar o gosto pela dança, tive a iniciativa de levar os alunos ao espetáculo “Dance Bailarina Dance” da Companhia Nacional de Bailado integrando uma das atividades desenvolvidas na disciplina de Formação Cívica integrada na área 4 e que explicarei mais adiante.

O planeamento da avaliação inicial foi uma das primeiras tarefas desenvolvidas no estágio. Segundo Rosado (s.d.) a avaliação inicial é uma unidade de avaliação diagnóstica e prognóstica dos alunos que permite identificar o nível em que se encontram no Programa Nacional de Educação Física, permitindo obter informações sobre os alunos e as matérias críticas ou com mais dificuldades, orientar a formação de grupos de nível, definir as bases da diferenciação do ensino, decidindo quais os objetivos anuais e prioritários. Assim, este momento foi fundamental para organizar o trabalho a desenvolver ao longo de todo o ano letivo, apresentar as matérias que iríamos trabalhar ao longo do ano, ensinar regras de organização e normas de funcionamento dentro do espaço da aula, para além de promover o clima relacional referido anteriormente. O cumprimento destes objetivos foi fundamental para que existisse um processo ensino-aprendizagem de sucesso. Para a realização deste planeamento foi necessário ler cuidadosamente o Protocolo de avaliação inicial e o Programa Nacional de Educação Física. Em ambos os documentos são apresentados os níveis em Educação Física (introdutório, elementar e avançado) e os critérios necessários para os atingir.

Na sequência de uma sessão de trabalho conjunto do núcleo de estágio, reunido para realizar o planeamento da avaliação inicial das turmas em que lecionávamos, acabámos por considerar que o Protocolo deveria contemplar a área dos conhecimentos, visto ser uma das extensões da Educação Física, tal como fazem parte as áreas das atividades físicas desportivas e a área da aptidão física. Na área dos conhecimentos devem ser contemplados assuntos como:

O relacionamento da Aptidão Física e Saúde identificando os fatores associados a um estilo de vida saudável, nomeadamente o desenvolvimento das capacidades motoras, a composição corporal, a alimentação, o repouso, a higiene, afetividade e a qualidade do meio ambiente. Conhece e interpreta

fatores de saúde e risco associados à prática das atividades físicas, tais como doenças, lesões, substâncias dopantes e condições materiais, de equipamentos e de orientação do treino, utilizando esse conhecimento de modo a garantir a realização de atividade física em segurança.

(Jacinto et al., 2001, p.38).

Ao abordarmos estes assuntos com os alunos, incentivamo-los a adotar estilos de vida saudáveis.

Durante o período da avaliação inicial o núcleo decidiu aplicar um teste diagnóstico (anexo 6) sobre alguns temas anteriormente referidos, conseguindo, deste modo, identificar o conhecimento que os alunos tinham sobre estes temas. Decidi não abordar estes assuntos durante as aulas de Educação Física, uma vez que tive a oportunidade de os trabalhar com os alunos nas aulas de Formação Cívica juntamente com a diretora de turma. Deste modo, consegui interligar ambas as disciplinas, uma vez que as duas procuraram educar civicamente os alunos. Futuramente, se não tiver oportunidade de lecionar a disciplina de Formação Cívica, contemplarei a área dos conhecimentos no planeamento anual das turmas, solicitando aos alunos a realização de trabalhos de grupo sobre os temas em questão. Poderei também abordar alguns temas nas aulas, nomeadamente as componentes da aptidão física, as capacidades motoras e os processos de controlo de esforço.

Devido à minha inexperiência inicial, surgiram algumas dificuldades durante esta fase de planeamento, entre as quais a calendarização das aulas em função dos espaços destinado a cada aula. Para superar esta dificuldade tive em consideração, que o período de avaliação inicial deve realizar-se entre 4 a 5 semanas. Assim, através do “roulement” (rotação pelos espaços) determinado pelo subdepartamento, calendarizei esta 1ª etapa, acabando por surgir no entanto outra dificuldade...saber quantas aulas seriam necessárias para avaliar cada matéria e cumprir esse mesmo número. Esta dificuldade foi a que esteve mais em evidência durante todo o planeamento, visto não ter ainda a experiência indispensável para determinar, com rigor, quantas aulas seriam necessárias para observar e avaliar todos os alunos nas diferentes matérias. Para tal, organizei o planeamento consoante o número de semanas estabelecidas, para que todas as matérias fossem abordadas durante esse período. A rotação pelos três espaços principais e a polivalência dos mesmos permitiu-me planear aulas politemáticas, o que suscitou outras dificuldades, como o planeamento dessas aulas, tendo em conta o espaço e a elaboração de exercícios consoante as capacidades da turma. Nesta fase primordial do ano letivo, como ainda não conhecia bem a turma, senti algumas

dificuldades em criar exercícios que estivessem adequados ao nível dos alunos, mas este processo ficou mais simplificado através da orientação e a colaboração da professora orientadora e dos meus colegas, que me ajudaram na elaboração e na reestruturação de alguns exercícios.

No início da avaliação inicial não sabia como havia de observar e avaliar os alunos nas diferentes matérias ao longo de todas as aulas, uma vez que segundo o Despacho Normativo nº1/2005 (2005, citado por Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, 2011) “A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (p. 2). Assim, durante a aula, para além de assegurar as situações de aprendizagem, devia observar todos os alunos em duas ou três matérias. Esta tarefa tornou-se complicada, mas por conselho da professora orientadora devia elaborar um plano de observação para as aulas, tornando mais fácil e mais consistente esta observação. Deste modo, numa aula focava-me apenas numa determinada matéria, e era nessa matéria que ia incidir a minha observação. Com a elaboração deste plano, a minha observação começou a ficar mais objetiva e no final da aula tinha observado o que estava previsto. O núcleo de estágio elaborou grelhas de observação (anexo 7) que nos auxiliaram na observação dos alunos. Assim no final de cada aula eu registava o que cada aluno conseguia executar. No meu futuro profissional, utilizarei tanto o plano de observação como as grelhas de observação, porque ambas as estratégias são fundamentais para que no final da etapa de avaliação inicial tenha registado os níveis dos alunos em todas as matérias.

Relativamente à condução do ensino a escolha de um estilo de ensino faz parte da definição da melhor estratégia de ensino a adotar e o modo como o professor interpreta e concretiza o ensino (Rosado, s.d.). O sucesso do ensino depende da congruência conseguida entre as intenções de aprendizagem (objetivos pedagógicos) e as ações dos alunos (aprendizagem) e do professor (ensino) que venham a desenvolver-se. Assim, durante esta fase primordial utilizei diversos estilos de ensino, nomeadamente, por comando, tarefa, ensino recíproco e autoavaliação. O primeiro estilo de ensino foi utilizado maioritariamente no aquecimento e em algumas situações no decorrer da aula, uma vez que ao recorrer a este estilo o professor assume todas as decisões.

O estilo por tarefa é caracterizado por ser uma situação de aprendizagem definida pelo professor, o que permitiu a existência de uma diferenciação de ensino adequada a cada aluno. A utilização deste estilo permitiu-me demonstrar as diversas tarefas da aula e corrigir durante a aula o desempenho dos alunos. Como referem Mosston e Ashworth

(2008) este estilo para além de ser individual, implica a memorização das tarefas por parte dos alunos, o feedback que o professor dá apenas é dirigido aos alunos individualmente.

A autoavaliação e o ensino recíproco permitiram uma maior autonomia por parte dos alunos durante as aulas. O ensino recíproco como referem Mosston e Ashworth (2008) é definido pela interação estabelecida entre o observador e o executante. Neste estilo o professor refere os critérios para a tarefa e auxilia o aluno observador na transmissão dos feedbacks para este posteriormente referi-los ao aluno executante. Este estilo para além de tornar os alunos mais autónomos, proporciona uma relação de cooperação e de confiança entre os alunos e o professor.

Na autoavaliação, através dos critérios estabelecidos pelo professor, o aluno analisa o seu desempenho na tarefa. Segundo Rosado e Silva (s.d.) “os alunos que se avaliam a eles próprios necessitam de perceber o processo e os resultados a atingir” (p.36). Deste modo, o professor percebe a consciência que os alunos têm sobre o seu nível de desempenho e realização das tarefas.

Considero que futuramente a utilização de diversos estilos de ensino durante as aulas potenciará o sucesso do processo ensino aprendizagem dos alunos, uma vez que os alunos também são agentes ativos neste processo. Estes estilos de ensino ao incentivarem a cooperação e interajuda entre os alunos, contribuem para a verificação de um clima relacional positivo entre eles e entre aluno-tarefa.

Nas primeiras aulas como professora as minhas principais dificuldades centraram-se ao nível da gestão do tempo de aula, no meu posicionamento na aula e na instrução inicial. Relativamente à gestão do tempo de aula, apesar de ter no planeamento a duração de cada rotação e subrotação, por vezes, perdia a noção do tempo, não conseguindo realizar uma das subrotações. Ao aperceber-me que não estava a gerir bem o tempo de aula, tive necessidade de colmatar esta dificuldade, e quando acabava o aquecimento via as horas e calculava quanto tempo me restava para conseguir fazer tudo o que estava previsto, necessitando de reajustar o que havia planeado. Como refere Onofre (1995) o professor deve garantir mudanças rápidas entre as atividades e uma correta e rápida montagem do material. Assim, na transição entre espaços para perder o menos tempo possível e conseguir geri-lo, comecei a cronometrar o tempo que os alunos demoram na transição e na montagem do material. Deste modo, em cada semana tentávamos minimizar esse tempo. A minha circulação pelo espaço nesta fase era bastante previsível e, por vezes, colocava-me de costas para alguns alunos. Para ultrapassar esta situação foi fundamental a utilização do plano de observação. Antes de

cada aula preparava a minha instrução inicial. No entanto, esta era bastante longa e pouco objetiva questionando pouco os alunos sobre as matérias em questão. Assim, passei a prepará-la ainda com maior cuidado, de modo a que ficasse clara e objetiva para os alunos, focando apenas os aspetos essenciais de cada matéria recorrendo ao questionamento dirigido.

Foi necessário consultar várias vezes o Protocolo de Avaliação Inicial e o Programa Nacional de Educação Física para perceber e identificar os critérios a observar/avaliar em cada nível nas diversas matérias a lecionar. Após esta identificação foram utilizadas as fichas de observação para cada matéria, registando o desempenho dos alunos. Com base nas observações/avaliações realizadas durante o 1.º período e em todas as matérias do Protocolo de Avaliação Inicial, atribui um nível diagnóstico e um nível prognóstico a alcançar no final do ano letivo. Consegui identificar as matérias prioritárias da turma. No entanto, foi difícil identificar em que nível estavam os alunos, para posteriormente prognosticar e perceber o melhor modo de planear as unidades de ensino, de modo a que os alunos atingissem os níveis prognosticados. Apesar de estarmos numa etapa onde queremos identificar os níveis dos alunos nas diversas matérias, não podemos esquecer-nos que na avaliação inicial as situações são de aprendizagem para os alunos, onde o professor acompanha as diversas situações com feedbacks, corrigindo o desempenho dos alunos (Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, 2011). Assim, observar e avaliar todos os alunos numa aula politemática, tendo em conta o que foi referido anteriormente, foi simplificada quando elaborei o plano de observação.

No final do período de avaliação inicial e com as informações recolhidas durante o mesmo construí o plano anual de turma (anexo 8). Este é um documento que orienta todo o trabalho a desenvolver na turma durante o ano letivo, de modo a que seja alcançado o sucesso do processo ensino-aprendizagem de todos os alunos assim, Bento (1998) refere que:

A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso do ano letivo (p. 67).

O professor quando leciona uma determinada matéria, deve responder a quatro questões: O Quê? Como? Quando? e Porquê? Deste modo, o professor deve saber o

que faz nas suas aulas; O modo como deve fazer; Quando deve lecionar esta matéria e o porquê de a lecionar. Neste plano deverão constar:

Os alunos que vão precisar de maior acompanhamento, que apresentam mais dificuldades; As matérias em que os alunos se encontram mais distantes do nível de objetivos do programa, e que deverão merecer mais atenção; As capacidades motoras que merecem uma atenção especial (em alunos ou grupo de alunos); Os aspetos críticos no tratamento das matérias e na organização da turma. É também o momento em que o professor deve aferir as decisões tomadas para as grandes etapas do ano letivo, identificar as prioridades e a forma de organização da etapa seguinte (segunda), de acordo com os objetivos estabelecidos para o ano.

(Jacinto et al., 2001, p.26)

O plano anual de turma segundo Jacinto et al. (2001) deverá:

Considerar a organização geral do ano letivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem assumir características diferentes, ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor. Ao preparar cada uma das etapas, considerando as suas características genéricas (revisão/consolidação, prioritariamente novas aprendizagens, etc.), a definição das prioridades e a formação de grupos deve permitir a realização do nível estabelecido para cada matéria nesse ano, dedicando-se mais tempo de prática apropriada nas matérias em que o aluno revela mais dificuldades. É a altura do professor estimar o número de unidades de ensino (conjunto de aulas com objetivos e estrutura organizativa idênticos) que progressivamente operacionaliza, decidir sobre a estratégia de composição dos grupos que lhe parece mais adequada, sobre as atividades de aprendizagem que irá propor aos seus alunos e os momentos em que pensa recolher as informações necessárias ao ajustamento do processo (avaliação) (p.26).

No plano anual de turma os objetivos estão distribuídos por etapas, que são constituídas pelas unidades de ensino, de modo a garantir o sucesso do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Rosado (s.d.) refere que uma unidade de ensino é:

Um conjunto de aulas agrupadas segundo diversos critérios pedagógicos. Reconhece-se, num ano escolar, o agrupamento por diversos

critérios: etapas (fases com funções didáticas de grande nível de generalidade), conteúdos afins (unidades temáticas), funções didáticas (unidades didáticas), períodos de tempo (mês/semana/dia), ciclos escolares (períodos letivos). (p.33).

No plano anual de turma ficou definido que os alunos teriam cinco etapas e cada uma terá duas unidades de ensino, abrangendo as matérias lecionadas nos três espaços (Pátio Principal, Pátio Superior e Ginásio A). Com os resultados da avaliação inicial e analisando os níveis dos alunos nas diversas matérias, tive necessidade de formar grupos de nível, constituídos deliberadamente por alunos com o mesmo nível de capacidades (grupos homogêneos). Ao longo do ano trabalhei sempre com este tipo de organização e esta constituição, permitindo-me diferenciar o ensino, tendo estabelecido objetivos para os diferentes grupos de trabalho. A diferenciação do ensino permitiu-me adaptar as tarefas às capacidades dos alunos, com o intuito de que alcançassem os objetivos estabelecidos nos planos. Utilizei esta estratégia principalmente nos jogos desportivos coletivos, uma vez que, os objetivos diferiam de grupo para grupo. Assim, na minha perspetiva, constituir grupos heterogêneos dificilmente iria contribuir para o sucesso do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Nas matérias de Badminton e Voleibol, os alunos trabalharam em situação de 1x1, colocando no mesmo grupo alunos com níveis diferentes. Apenas os pares se encontravam no mesmo nível. Deste modo, não necessitei de formar grupos homogêneos, permitindo-me colocar os alunos com mais facilidades com os alunos com mais dificuldades, com o intuito de incentivá-los à cooperação e à interajuda em algumas matérias, como na Ginástica de Solo e na Dança.

Nas matérias de Patinagem, Ginástica de Solo e Minitrampolim a diferenciação do ensino era feita individualmente, enquanto na Ginástica Acrobática a diferenciação dizia respeito a cada trio. Em todas as aulas junto à estação das matérias, os alunos tinham uma folha que referia o que cada aluno teria de trabalhar. Assim, os alunos trabalhavam os elementos que necessitavam de ser melhorados, a fim de se atingirem os objetivos estabelecidos.

Considero que no meu futuro profissional a criação de grupos de nível será uma mais-valia, para o professor e para os alunos, uma vez que permite a diferenciação de ensino, de modo a colmatar individualmente as dificuldades dos alunos.

O plano anual de turma devia ter sido o primeiro documento a ser elaborado após o período da avaliação inicial. No entanto, comecei por realizar o plano de segunda etapa (anexo 9) e da primeira unidade de ensino (anexo 10) e só a meio desta é que iniciei o plano anual de turma. Este facto aconteceu porque o fim do período da avaliação inicial coincidiu com a entrega do plano de segunda etapa e da 1ª unidade de ensino. Assim, o

plano de segunda etapa sofreu algumas alterações durante o seu desenvolvimento, ao nível dos objetivos estabelecidos inicialmente. As maiores dificuldades sentidas durante a elaboração do plano anual de turma passaram pelo diagnóstico e prognóstico do nível dos alunos e, por último, realizar um planeamento criterioso que consiga atender às necessidades individuais de cada aluno. Futuramente, para facilitar a elaboração do plano anual de turma e para não coincidir com a elaboração do plano da segunda etapa, devo começar a construí-lo após a avaliação inicial de uma determinada matéria, diagnosticando e prognosticando o nível dos alunos e elaborar no momento o planeamento anual dessa mesma matéria.

Para a elaboração dos planos de unidade de ensino, tive sempre em consideração os objetivos estabelecidos tanto nos planos de etapa como no plano anual de turma. Alguns objetivos, bem como os exercícios inicialmente previstos, sofreram alterações, uma vez que da minha monitorização e das observações da orientadora resultou a constatação de que alguns não estavam adequados às capacidades dos alunos. Ao longo das unidades de ensino continuei a utilizar diversos estilos de ensino, nomeadamente, por comando, tarefa, ensino recíproco e autoavaliação. Os alunos que não realizam a aula por qualquer motivo tinham sempre fichas de observação (anexo 11) de uma das matérias da aula, onde observavam os colegas através dos critérios/indicadores mencionados nas fichas, assim, realizavam a heteroavaliação dos colegas e no final da aula referiam o que observaram. Deste modo, os alunos mesmo sem realizar a aula continuaram a ter um papel ativo na mesma, pelo que, ao observarem o desempenho dos colegas, conseguiam identificar as componentes críticas mais importantes de cada matéria, reconhecendo as dificuldades dos colegas.

As dificuldades que senti ao nível da gestão do tempo de aula, do meu posicionamento na aula e da instrução inicial, foram ultrapassadas da melhor forma através das estratégias referidas anteriormente. Os alunos tiveram um bom tempo de prática, ou seja, cerca de 25 a 30 minutos em atividade física. As transições entre espaços foram rápidas e a minha instrução inicial foi bastante curta e objetiva, focando apenas os principais objetivos da aula. No que diz respeito ao meu posicionamento na aula, no início da minha formação, quando me deslocava a uma estação colocava-me de costas para alguns alunos, não os controlando. No sentido de colmatar esta dificuldade, mobilizei estratégias de posicionamento colocando-me de frente para toda a turma. Como refere Onofre (1995):

Para melhorar a capacidade de observação é muito importante que o professor adote um posicionamento no espaço de trabalho que lhe permita manter sob o seu controlo visual a maior parte dos alunos, bem como um deslocamento que lhe permita interagir com todos os alunos (p.84).

Desta forma, passei a controlar a turma no seu todo, passando a estar mais desperta para os comportamentos desviantes e fora da tarefa, verificando o desempenho dos alunos nas matérias, identificando algumas das dificuldades que necessitavam de ser melhoradas com a minha intervenção.

Segundo Siedentop (1991, citado por Rosado & Mesquita, 2009) a instrução acontece durante três momentos: (1) antes da prática, através da apresentação das tarefas, explicação e demonstração; (2) durante a prática, através do feedback; (3) após a prática, pela análise das tarefas desenvolvidas. Assim, a instrução inicial segundo Mesquita e Graça (2009) deve:

Auxiliar o professor a aceder ao que os alunos retiveram e compreenderam da aula anterior; permitir ao aluno recordar a matéria previamente abordada, no sentido de ser capaz de estabelecer a relação entre o que aprendeu e o que irá aprender de novo ou mesmo, o que vai consolidar do já abordado; estabelecer no imediato um clima propício para a aprendizagem, motivando os alunos para as tarefas (p. 48).

Seguindo esta linha de pensamento Siedentop (1991 citado por Rosado & Mesquita, 2009) refere que esta informação deve ser breve, onde focaliza os aspetos essenciais, o professor adota formas de comunicação que garantam a atenção e a compreensão da matéria transmitida. Na primeira aula de cada unidade de ensino referi explicitamente os objetivos de cada matéria e o que íamos trabalhar, como refere Onofre (1995) os alunos devem conhecer os pontos fundamentais dos conteúdos da aula. Nas restantes aulas para além de fazer “pontes” com as aulas anteriores, como refere Onofre (1995) o professor deve garantir a ligação entre o trabalho realizado na aula anterior e aquele que se prevê para as seguintes aulas. Recorri ao questionamento dirigido para relembrar as componentes críticas mais importantes de cada matéria e “obrigando” os alunos a estarem com atenção ao que estava a ser transmitido, que segundo Harvey e Goudvis (2000, citado por Rosado & Mesquita, 2009) o questionamento é a chave da compreensão, seguindo esta linha de pensamento Rosado (s.d.) refere que a utilização do questionamento dirigido permite verificar o estado em que os alunos se encontram,

relativamente aos objetivos pedagógicos, este questionamento deve ser sistemático e planeado e deve percorrer todos os alunos ao longo do processo ensino-aprendizagem. Seguindo a mesma linha de pensamento, Siedentop (1983) refere que o professor só depois de fazer a pergunta é que nomeia o respondente. Ao utilizar esta estratégia de primeiro colocar a questão e só depois nomear quem responde, como os alunos não sabem para quem é dirigida a pergunta, “obriga-os” a estarem com atenção à informação. Se referisse primeiro o nome do aluno e só depois colocasse a questão, ia contribuir para que os alunos deixassem de prestar atenção, uma vez que a questão não tinha sido feita para si em particular.

Na instrução inicial e durante a explicação das tarefas, estas devem ser acompanhadas pela demonstração do exercício, principalmente quando são novas para os alunos. Assim, coloquei os alunos como agentes de ensino pedindo-lhes para demonstrarem determinados exercícios. Segundo Sarmiento (s.d.) a demonstração para além de dar a conhecer a tarefa, tem o papel de facilitar o reconhecimento das componentes mais relevantes para a compreensão e execução dos alunos. Mesquita e Graça (2009) referem ainda que o uso de palavras-chave durante a explicação e a demonstração prendem a atenção do aluno, sendo essencial para a realização eficaz das tarefas. Onofre (1995) refere também que o grau de retenção da informação visual é superior à utilização apenas da informação verbal. Nestes termos, procurei acompanhar sempre a demonstração com a explicação das características mais importantes ou questionando alguns alunos sobre essas mesmas características. Para tornar os alunos mais autónomos, um era escolhido e ficava responsável por orientar a mobilização articular durante o aquecimento. A utilização dos alunos como agentes de ensino, permitiu que os outros alunos se motivassem e se empenhassem nas tarefas para também eles poderem vir a demonstrar.

Durante o acompanhamento das tarefas, um dos principais objetivos foi concretizar o ciclo de feedback. Segundo Onofre (1995) o feedback pedagógico é utilizado com o objetivo de ajudar os alunos a ultrapassar uma dificuldade. O autor refere ainda que o feedback caracteriza-se pela informação que o professor comunica ao aluno a forma como realizou ou deveria ter realizado o desempenho motor. Rosado e Mesquita (2009) acrescentam ainda que, o feedback pedagógico é definido como um comportamento do professor em reação à resposta motora do aluno.

Deste modo, os alunos consoante o momento e a ação foram corrigidos individual e coletivamente, recorrendo aos diferentes tipos de feedbacks: no feedback prescritivo, tinha como objetivo informar o aluno de como deve realizar o movimento, referindo os

aspectos positivos e negativos da sua ação. No feedback descritivo, disse ao aluno, como realizou a atividade, referindo os aspectos negativos das suas ações e o porquê do sucedido. No feedback quinestésico procurei auxiliar, de forma tátil, os alunos durante o movimento. No feedback interrogativo procurei questionar os alunos sobre a sua ação, com o intuito de os alunos conseguirem analisar o seu movimento, referindo os aspectos positivos ou negativos da execução. Após a observação e o feedback dado ao aluno ou ao grupo, tinha como objetivo concretizar o ciclo de feedback, verificando se os alunos corrigiram o erro que estavam a cometer. Senti que algumas vezes não concluí o ciclo de feedback, porque surgiam outras questões da aula, como dúvidas dos alunos ou questões organizativas. Futuramente este é um aspeto fundamental a ter em conta para o sucesso dos alunos, uma vez que o professor deve referir algo sobre o desempenho do aluno quando este executa um movimento, e, se necessário, corrigir alguns aspetos. Assim, o aluno deve repetir o movimento após a intervenção do professor e o professor após esta deve referir mais uma vez os aspetos mais importantes do seu movimento, verificando assim, se o aluno assimilou o que foi dito anteriormente. Se o aluno repetir o movimento e se o professor não observar, o aluno não vai perceber se melhorou ou não a sua execução.

Umas das dificuldades sentidas na fase inicial da minha formação, durante o acompanhamento das tarefas, foi o controlo à distância da turma porque quando estava numa estação, tinha a tendência de me focar apenas nesses alunos não controlando o resto da turma. Consciente da importância de conseguir controlar eficazmente a atividade de todo o grupo no contexto da aula, assumi como prioritário no meu processo de formação, ir trabalhando e melhorando este aspeto sistematicamente. Segundo Onofre (1995) o professor deve garantir o controlo da atividade de toda a turma, controlar as várias situações que ocorrem simultaneamente numa aula e supervisionar de forma ativa a atividade dos alunos que estão mais afastados do professor. Assim, sempre que estava com os alunos levantava o olhar para controlar a turma. Inicialmente não dava feedbacks à distância, ficava só a observar os alunos mas, aos poucos, fui conseguindo endereçar-lhes feedbacks pertinentes e no momento certo. O acompanhamento à distância é fundamental para o professor verificar se os alunos estão a realizar corretamente as tarefas e emitir feedbacks que permitam reforçar positivamente o desempenho de uns, bem como estimular outros para que igualmente o consigam, tornando-se por isso mesmo igualmente importante para o envolvimento e motivação dos alunos nas atividades propostas. Desta forma, os alunos não têm dúvidas de que, mesmo à distância, o professor vê e aprecia a participação e o empenho de toda a turma durante a

realização das tarefas. Estou convicta de que esta postura atenta e consequente do professor em relação à globalidade dos alunos, incentivando uns a melhorar e a congratular-se com os que já realizam a tarefa ao nível pretendido, é um importante fator no contexto do exercício de uma liderança equilibrada e que, naturalmente, é reconhecida pelos alunos como tal. Sei que o esforço que desenvolvi até sentir que dominava esta dimensão do meu desempenho, foi suficientemente marcante para passar a ser uma característica distintiva da minha observação e gestão das atividades do grupo turma em contexto de aula.

Nas Unidades de Ensino existiu sempre um momento concreto de avaliação formal dos alunos, em que tinha como objetivo abranger todos os alunos numa determinada matéria, principalmente naquelas onde existissem muitos alunos que não conseguiram atingir o nível introdutório. Durante todas as aulas tive como principal preocupação recolher informações sobre o desempenho dos alunos, através do plano de observação. Portanto, no final de cada aula, anotava detalhadamente o que tinha observado. Nas matérias de ginástica de solo e de patinagem foi mais fácil fazer esta observação, porque os alunos tinham apenas dois ou três elementos para trabalhar. Em algumas aulas tinha como principal objetivo abranger todos os alunos, tanto na estação da ginástica de solo como na patinagem. Este objetivo foi sempre cumprido em todas as aulas. Ao utilizar esta estratégia conseguia observar todos os alunos e fiquei a perceber o que eles conseguiam ou não fazer. Notei que tinha mais dificuldades na observação dos alunos nos jogos desportivos coletivos, porque são matérias que podia dominar melhor. Senti, e a professora orientadora também o referiu algumas vezes, que nos jogos desportivos coletivos me limitava a observar. Na sua opinião, ao estipular objetivos nessas matérias devia focar os meus feedbacks nesses mesmos objetivos. Aos poucos fui “entrando” na aula e penso que no final já estava mais interventiva não me limitando a observar. O acompanhamento e a condução dos treinos do núcleo de Desporto Escolar de Basquetebol integrando a área 3 do estágio permitiram-me estar mais interventiva nos jogos desportivos coletivos, uma vez que na sequência da observação dos erros dos alunos passei a dar-lhes feedbacks descritivos e prescritivos com o objetivo de colmatar as suas dificuldades.

Durante o ano letivo, para aferir se os objetivos estavam a ser alcançados pelos alunos e se existia uma evolução das suas aprendizagens nas diversas matérias, recorri sempre à avaliação formativa, sendo esta o principal elemento regulador e orientador do processo ensino-aprendizagem, permitindo aferir e reestruturar este processo, de modo a potenciar o desenvolvimento das aprendizagens. Segundo Carvalho (1994) existem três

etapas para a avaliação formativa: a recolha de informação relativas a dificuldades ou à progressão dos alunos; Interpretar as informações, diagnosticando os fatores que estão na origem das dificuldades de aprendizagem dos alunos e a adaptação das atividades consoante a interpretação das informações recolhidas, de modo a atender às capacidades dos alunos. Rosado e Silva (s.d.) referem ainda que se deve informar o aluno sobre a qualidade do processo educativo e de aprendizagem, bem como do estado do cumprimento dos objetivos estabelecidos. Seguindo as duas linhas de pensamento durante a fase primordial do ano tive necessidade de reajustar os objetivos dos alunos, porque os que tinha estabelecido não estavam adequados às suas necessidades. Esta avaliação foi contínua, porque em todas as aulas existiu a observação dos alunos nas diversas matérias, dando sempre feedbacks sobre a sua prestação.

Durante a aula é necessário existir um clima relacional positivo entre professor-aluno; aluno-aluno e aluno-tarefa, contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem de sucesso. No que diz respeito ao clima entre professor-aluno, o professor deve conhecer os seus alunos o melhor possível. O trabalho desenvolvido na área 4 juntamente com a diretora de turma contribuiu para conhecê-los e perceber a sua relação com a disciplina de Educação Física. O professor deve mostrar-se preocupado com os seus alunos, perceber se estes estão motivados para a aula e com as tarefas propostas, deve transmitir expectativas positivas aos alunos, incentivá-los e mostrar que são capazes de realizar as tarefas, mesmo quando referem que não conseguem. Um clima positivo entre os alunos é essencial para o sucesso das aprendizagens, uma vez que ao trabalharem em conjunto, para além de se motivarem, cooperam e entreadjudam-se entre si. O uso de estilos de ensino como o ensino recíproco proporciona este clima favorável. Por último, o professor deve motivar o aluno para aprender viabilizando um clima relacional entre o aluno e a tarefa que é imprescindível para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. O aluno deve conhecer o exercício, os seus objetivos e o porquê de o estar a realizar. O professor deve acompanhar os alunos durante a realização das tarefas, dando sempre feedbacks sobre o seu desempenho. Utilizar estilos de ensino como a autoavaliação contribui para este clima positivo.

Considero que durante todas as aulas existiu um clima favorável entre professor-aluno, uma vez que, incentivei e motivei os alunos para as diferentes tarefas. Dar feedbacks aos alunos e ajudá-los na execução das tarefas também contribuiu para um clima positivo. Para que se verificasse um clima favorável entre aluno-tarefa criei alguns desafios, com o propósito de motivar os alunos para as tarefas: no aquecimento referia

que naquela aula o objetivo era dar um x número de voltas; no Voleibol e no Badminton em situação de 1x1 disse que o objetivo era dar o maior número de toques ou de batimentos; nas matérias de Ginástica, Patinagem, Minitrampolim e Ginástica Acrobática os alunos tinham em cada estação uma descrição do que necessitavam de trabalhar para atingirem o sucesso na tarefa; no lançamento do peso coloquei pinos distanciados entre si. Assim, os alunos executavam o lançamento com a técnica correta e ao mesmo tempo tentavam lançar o mais longe possível; na corrida de estafetas quando tinha um dos alunos a não realizar a aula pedia para cronometrar o exercício dos colegas; no salto em comprimento arranjei umas bandeiras com o nome dos alunos, para que, após o salto, o aluno colocasse a sua bandeirinha no local onde se verificara a queda após o voo. Ao realizar estes desafios notei que os alunos estavam mais motivados na realização das tarefas.

Para criar um clima favorável entre os alunos, para além de utilizar o ensino recíproco e a heteroavaliação, coloquei na Dança alunos com diferentes níveis, com o objetivo de se ajudarem.

Considero que existiu um clima favorável entre mim e a comunidade escolar, nomeadamente na relação estabelecida com os alunos, com as orientadoras, com os colegas de estágio, com os docentes, não docentes e em todas as áreas do estágio pedagógico, como na realização do trabalho de investigação desenvolvido na área 2, na participação no Desporto Escolar, na atividade “Dos 8 aos 80” e no trabalho conjunto com a diretora de turma. O sucesso do trabalho só ocorre se existir um clima positivo e trabalho colaborativo entre todos, como refere Rosado e Ferreira (2009) o ambiente relacional é decisivo na satisfação pessoal dos professores e dos alunos, na manutenção da disciplina, do empenho nas tarefas e no crescimento individual e coletivo no domínio sócio afetivo, no desenvolvimento de atitudes, valores e sentimentos. No meu futuro profissional terei sempre em conta a presença de um clima favorável entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-tarefa, utilizando as estratégias anteriormente descritas e outras que com a experiência espero vir a adquirir.

No final de cada aula realizei um balanço da mesma, referindo os aspetos positivos e negativos que tinha observado sobre o desempenho dos alunos e referi os níveis dos alunos em determinadas matérias. Como refere Siedentop (1991, citado por Rosado & Mesquita, 2009) no encerramento da aula existe a necessidade de rever os aspetos com maior importância, de fornecer feedbacks coletivos e motivar os alunos para a aula seguinte, seguindo esta linha de pensamento Rosado e Mesquita (2009) referem que este momento tem uma função de revisão ou consolidação das aprendizagens, ou

seja, rever o essencial das aprendizagens da aula, quer por instrução ou por questionamento, com o intuito de se verificar a compreensão dos aspetos mais importantes, dirigindo feedbacks individuais e coletivos sobre as questões de aprendizagem e de trabalho conjunto. Foi precisamente o que concretizei no final da aula, dando feedbacks individuais e coletivos, com o objetivo de os alunos melhorarem as suas aprendizagens para a aula seguinte.

O trabalho realizado no âmbito da área 2 sobre a “Perceção dos professores acerca dos comportamentos em contexto de aula” auxiliou-me na minha perceção e intervenção perante comportamentos indisciplinados na aula. Siedentop (1983) considera como comportamentos inapropriados os alunos estarem desatentos enquanto o professor explica e demonstra a tarefa. Durante as aulas e durante os períodos de instrução os alunos tinham a tendência de conversar e, por vezes, não era fácil garantir que permanecessem todos em silêncio. Segundo Renca (2008) o professor como organizador da aula é o principal responsável pela prevenção da indisciplina, através da ação educativa. Seguindo esta lógica, um bom organizador da aula é um professor que prepara as aulas e incentiva os alunos para a melhoria do clima de aula, contribuindo para a diminuição das manifestações de indisciplina. Para construir um ambiente de disciplina comecei a organizar a aula de modo a que separasse os alunos que estavam por norma a conversar durante os momentos de instrução e durante a realização das tarefas propostas. Por vezes, fazer silêncio e dirigir o olhar aos alunos perturbadores foram suficientes para garantir o silêncio dos alunos. Sempre que observei um comportamento inapropriado chamei à atenção dos alunos, dando a entender que aquele comportamento deveria ser mudado. Utilizei também a estratégia de conversar com os alunos perturbadores no final da aula, com o intuito de perceber o porquê da ocorrência daquele comportamento e em conjunto solucionarmos o problema. Estas estratégias serão um apoio para o meu futuro profissional para a construção de um ambiente de disciplina em contexto de aula.

A avaliação sumativa segundo Rosado e Silva (s.d.) acontece preferencialmente no final de cada período letivo, ano letivo e de cada ciclo de ensino. Esta avaliação procede a um balanço de resultados finais de um longo processo de ensino. Esta avaliação decorreu de acordo com o Protocolo de Avaliação Sumativa estipulado pelo Subdepartamento de Educação Física. Este protocolo foi realizado com base nos Programas Nacionais de Educação Física, assim:

Este documento foi elaborado em consonância com as orientações veiculadas pelos Programas Nacionais de Educação Física e as metas de aprendizagem que perfilham de uma concepção de Educação Física pedagogicamente orientada para promover o desenvolvimento eclético e multilateral do aluno em três áreas específicas.

(Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, 2012-2013, p. 2).

No final de cada período os alunos foram sujeitos à autoavaliação, onde consultavam o Protocolo de Avaliação Sumativa, que engloba todos os critérios necessários para atingirem o sucesso nas diversas matérias. Ao longo das aulas e no final de cada unidade de ensino, os alunos foram informados do nível atingido em cada uma das matérias. Para a realização desta avaliação sumativa senti alguma dificuldade em atribuir uma nota quantitativa aos alunos, a partir dos níveis em que os alunos se encontram em cada matéria, uma vez que os alunos têm de cumprir os níveis estabelecidos no protocolo para atingirem o sucesso na disciplina, tive necessidade de consultar várias vezes o protocolo para conseguir atribuir uma nota quantitativa.

No final do ano letivo entrámos na etapa de consolidação das aprendizagens, que o núcleo denominou como período de prova global. Este período proporciona ao professor aferir os níveis dos alunos nas diversas matérias. Segundo Rosado (s.d.) esta etapa tem como objetivos consolidar, rever e avaliar o que foi aprendido durante o ano letivo nas diversas matérias trabalhadas. Esta etapa é semelhante ao período de avaliação inicial. O professor deve utilizar o Protocolo de Avaliação Sumativa que contempla os critérios necessários para os alunos atingirem o sucesso nas diversas matérias. Durante esta fase final o núcleo de estágio e a professora orientadora trabalharam em conjunto, observando e registando os níveis dos alunos nas matérias. Para esta etapa construí uma tabela para cada matéria, que evidenciava o nível que o aluno atingiu na avaliação formativa e uma coluna para colocar o nível que o aluno obteve na prova global (anexo 12).

Considero que esta etapa é importante no processo de formação dos alunos e é uma estratégia a utilizar no meu futuro profissional, uma vez que os alunos mostram todas as competências desenvolvidas e adquiridas durante o ano letivo e o professor observa e avalia essas aprendizagens.

No final de cada aula, registei os aspetos que considere de imediato positivos e negativos ao nível do meu desempenho, para no final do dia elaborar uma autoscopia da aula. A autoscopia estava dividida em quatro dimensões: instrução, organização, disciplina e clima relacional. Assim como refere Bento (1998) a reflexão posterior sobre a

aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona uma definição mais exata do nível de partida e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino. Como tal, considero que as autoscopias foram uma mais-valia durante a minha formação, uma vez que me permitiu refletir sobre a aula e analisar todos os aspetos inerentes à mesma, impedindo que cometesse os mesmos erros na aula seguinte.

No que diz respeito às análises das aulas dos colegas estagiários, tínhamos inicialmente uma ficha de observação em formato de grelha, onde estavam inseridas as quatro dimensões: instrução, organização, disciplina e clima relacional (anexo 13). Começámos por observar alguns acontecimentos que não se enquadravam nas dimensões referidas, pelo que tivemos a necessidade de elaborar uma nova ficha de observação, inserindo novas categorias, sendo a versão final a seguinte: tempo de aula, organização, disciplina, clima relacional, instrução, acompanhamento das tarefas e balanço final da aula (anexo 14). Ao longo das aulas dos colegas estagiários, bem como final, para além do preenchimento da ficha de observação, realizámos um comentário sobre a aula, referindo aspetos positivos e negativos e soluções para algumas situações que tinham ocorrido. No final de cada semana, reunimo-nos com a professora orientadora para realizar um balanço da mesma. Cada um de nós fez um balanço das suas aulas abordando as quatro dimensões anteriormente referidas. Como uma das nossas funções no estágio é a observação das aulas dos nossos colegas, decidimos dividir-nos dois a dois. Deste modo, fizemos um balanço da aula do colega que estávamos a observar, onde referimos os aspetos positivos e negativos e as estratégias que visavam ultrapassar as dificuldades encontradas na aula. No fim de cada sessão, a professora orientadora para além de nos disponibilizar as suas folhas de observação, deu-nos sempre a sua opinião, sugerindo algumas estratégias para ultrapassarmos as nossas dificuldades, prática que nos orientou em relação a ulteriores situações. Segundo Limas e Rafael (1993) “O relacionamento empático parece ser o melhor caminho para uma verdadeira relação de ajuda e crescimento entre educador e educando”. Segundo Ribeiro e Onofre (s.d.) o professor mais experiente analisa o trabalho desenvolvido, aconselhando, informando e orientando o professor estagiário. Deve basear-se em relações de ajuda e cooperação. Assim, Onofre (1996 citado por Ribeiro, s.d.) classificou as técnicas de supervisão pedagógica em quatro grupos, estando algumas destas presentes em todo o processo de estágio. As técnicas demonstrativas como a preleção, demonstração e o estudo autónomo. As técnicas de apoio como o ensino real e o ensino entre pares. Os procedimentos de registo como os portfólios, diários de aula e observação e as técnicas

reflexivas como a discussão e a autoscopia. O autor refere que estas técnicas são importantes em todo o desenvolvimento do estágio porque, promove o conhecimento; desenvolve a reflexão e o saber fazer; recolhe, regista e organiza a informação importante ao professor estagiário. Durante a minha formação foi fundamental a utilização destas técnicas, porque contribuíram para analisar os aspetos positivos e negativos, ajustando para o melhoramento da prática docente, aula após aula, evitando voltar a cometer os mesmos erros.

Durante o estágio vivi a experiência de ter um horário completo durante uma semana e uma semana com uma turma do 5º ano. Para tal, foi necessário planear as aulas com os professores da turma, com a finalidade de saber quais as matérias que devia lecionar naquele período de tempo, os respetivos objetivos para os alunos e um conhecimento geral da turma (comportamento dos alunos, empenho na aula e nas tarefas, aproveitamento e os alunos considerados problemáticos). Considero que todas as informações facultadas pelos docentes foram fundamentais para que existisse um processo ensino-aprendizagem de sucesso. Para a minha formação, esta semana contribuiu para que eu tivesse uma perceção da verdadeira realidade dos professores de Educação Física, tendo sete turmas e um horário completo, como refere Onofre (1995) “Ensinar bem consiste em ser capaz de, nas circunstâncias mais diferenciadas, criar os contextos de aprendizagem mais favoráveis para que todos os alunos, sem exceção, possam aprender mais e melhor” (p.75). Assim, esta oportunidade permitiu-me contactar e trabalhar com diferentes anos de escolaridade, com diferentes alunos, com diferentes rotinas, formas de planeamento e de lecionação. Aprendi também a lidar com alguns alunos mais problemáticos e a gerir esses mesmos comportamentos. Ao trabalharmos com níveis etários mais baixos, percebemos que algumas rotinas necessitam de ser trabalhadas para garantir o sucesso organizativo da aula. Esta experiência permitiu-me comprovar que cada turma requer as suas estratégias e os seus hábitos de trabalho. A instrução inicial, a explicação das tarefas e a minha intervenção nas mesmas, foi diferente em todos os anos lecionados, uma vez que aos alunos mais novos foi preciso explicar as situações mais do que uma vez e a linguagem utilizada para explicar as tarefas foi muito diferente daquela que utilizei juntos dos alunos do 3º ciclo. Durante a semana com o 5º ano utilizei algumas estratégias aprendidas durante a realização do trabalho da área 2, para a construção de um ambiente de disciplina, tais como fazer silêncio e dirigir o olhar para os alunos que estão a conversar e quando observava um comportamento menos apropriado, chamava a atenção do aluno e mostrava que aquele comportamento deveria ser mudado. Também a experiência que fui adquirindo com a

minha participação no Desporto Escolar, contribuiu para planificar a aula de Basquetebol da turma do 5º ano. Esta experiência da semana a tempo inteiro auxiliou igualmente todos os estagiários na preparação da atividade “Dos 8 aos 80”, uma vez que ajudou na escolha criteriosa dos jogos, para que estes não fossem demasiado complexos e difíceis para os alunos.

4 Área 2 – Inovação e Investigação

Na área de Inovação e Investigação estava contemplada a concretização de um trabalho de investigação-ação, a desenvolver na sequência da identificação de um problema na escola e argumentar a sua pertinência contextual. Todo o processo de elaboração do trabalho foi desenvolvido em conjunto pelo núcleo de estágio.

No sentido de rentabilizar o trabalho, de acordo com o sugerido no guia de estágio, decidimos articulá-lo com a disciplina de Investigação Educacional, lecionada no 3º semestre do Mestrado. Um dos trabalhos a desenvolver na disciplina respeitava precisamente à realização de um projeto (anexo 15) de investigação- ação, sendo este a fase primordial de todo o trabalho a desenvolver nesta área. Considero que esta articulação foi uma mais-valia para a evolução do nosso trabalho, uma vez que o acompanhamento constante das professoras orientadoras e a criteriosa indicação de referências bibliográficas adequadas, tanto pelas orientadoras como pelos professores da disciplina no âmbito do Mestrado, possibilitou que realizássemos um trabalho com qualidade acrescida. Importa sublinhar, naturalmente, que a frequência das aulas do Mestrado nos ajudou a consolidar o modo como devíamos abordar todas as fases inerentes à construção de um projeto de investigação-ação.

A primeira fase do trabalho radicou na identificação de um problema na comunidade escolar, para o qual fosse pertinente a nossa intervenção/ação, visando a apresentação de propostas passíveis de contribuir para a sua resolução. Um dos primeiros problemas identificados na nossa escola dizia respeito aos hábitos saudáveis dos alunos. Constatámos que os alunos não tomavam banho no final das aulas e que os seus hábitos alimentares não eram os mais saudáveis, indicadores que nos levaram a considerar que a nossa intervenção neste âmbito poderia ser pertinente. Segundo Jacinto et. al. (2001) uma das extensões da Educação Física diz respeito à aprendizagem dos processos de desenvolvimento e manutenção da condição física e tem como objetivos identificar os fatores associados a um estilo de vida saudável, como a composição corporal, a alimentação e a higiene.

Numa das reuniões de núcleo, propusemos que este tema fosse trabalhado, tendo as nossas orientadoras referido que este assunto já tinha sido abordado em anos anteriores e que a nossa intervenção dificilmente iria modificar os hábitos dos alunos. Percebemos que a opinião manifestada pelas orientadoras não punha em causa a relevância do tema proposto, apesar de ter surgido apenas a partir da nossa observação de comportamentos manifestados sistematicamente pela globalidade dos estudantes. Pelo contrário, assumimo-la como a expressão da visão experiente e do espírito crítico que lhes permite fazer escolhas em função do que é exequível e consequente, perspetiva que o grupo de formandos não deixou de ter em conta no contexto do seu processo de formação. Deste modo, sugeriram-nos a leitura do Projeto Educativo da Escola e, cumulativamente, o Relatório de Avaliação Externa (anexo 16), produzido pela Inspeção Geral de Educação, de modo a que pudéssemos selecionar algumas das fragilidades aí identificadas. Após a leitura destes documentos estruturantes do processo de tomada de decisão da nossa escola, entendemos ser pertinente entrevistar um elemento da direção, a coordenadora do Departamento de Expressões e a coordenadora do Subdepartamento de Educação Física, no sentido de colher as suas opiniões sobre os problemas mais prementes existentes na escola, para os quais considerassem ser possível e desejável a nossa intervenção. Para tal, elaborámos previamente um guião de entrevista semiestruturado (anexo 17). Analisadas as entrevistas, verificámos que os três entrevistados evidenciavam a indisciplina como um dos problemas visíveis na nossa escola. Decidimos então trabalhar este tema, procurando perceber o que é que os professores consideravam ser um comportamento disciplinado ou indisciplinado do(s) aluno(s) em contexto de aula e que estratégias referiam utilizar, nesse contexto, para promover os comportamentos de disciplina e remediar os comportamentos de indisciplina. Segundo Renca (2008), “indisciplina” ou “mau comportamento” são palavras e expressões que se ouvem na realidade escolar. Elas constituem uma grande preocupação de todos os que se encontram ligados ao ensino, porque condicionam e afetam o funcionamento normal da escola e das aulas.

Durante o desenvolvimento do trabalho sentimos necessidade de reformular a problemática, uma vez que se revelou insuficiente para justificar a pertinência das nossas questões de partida. Verificámos que as primeiras questões de partida estavam pouco claras e objetivas necessitando de serem reformuladas. Após a reformulação as questões de partida para o estudo passaram a ser: “O que é que os professores consideram ser um comportamento indisciplinado do aluno, em contexto de aula?” e “Que estratégias os

professores referem utilizar, em contexto de aula, para a construção de um ambiente de disciplina?”.

Para a elaboração da problemática a maior dificuldade surgiu na fase de pesquisa de referências bibliográficas, uma vez que não encontrávamos estudos empíricos que sustentassem o nosso tema. Para colmatar esta dificuldade solicitámos orientações aos professores da disciplina e às professoras orientadoras que, mais uma vez, nos facultaram bibliografia que utilizámos para o ajustamento e reformulação do que entendemos necessário.

O primeiro questionário elaborado revelava-se insuficiente para a recolha dos dados pretendidos. Deste modo, socorremo-nos da bibliografia acima mencionada, com o objetivo de encontrar estudos validados que nos permitissem reformular a versão inicial do questionário. Depois de efetuarmos as alterações decidimos testar o questionário, solicitando a algumas professoras que o preenchessem, a fim de verificarmos se as docentes compreendiam as questões colocadas indo ao encontro da informação que pretendíamos recolher. Este processo permitiu-nos perceber que algumas questões não estavam bem elaboradas, levando as professoras a não responder ao que era pretendido. Com base nas respostas e nas sugestões das docentes reformulámos, mais uma vez o questionário (anexo 18) para posteriormente passarmos à recolha de informação através da sua aplicação à amostra pretendida. As reformulações que foram sendo realizadas durante a construção do questionário deveram-se, inicialmente, à nossa inexperiência, uma vez que foi a primeira vez que elaborámos um trabalho deste tipo. No entanto, as imprecisões iniciais acabaram por dar lugar, a um instrumento de recolha de opinião de acordo com o desejado, na sequência da reflexão efetuada pelo grupo sobre os resultados obtidos no momento em que o mesmo foi testado, bem como sobre as sugestões que as professoras que colaboraram connosco entenderam partilhar.

Inicialmente tínhamos previsto que a nossa população alvo seriam os docentes do 3º ciclo da escola, uma vez que as turmas em que lecionamos frequentavam este ciclo de escolaridade. No entanto, numa das reuniões do núcleo com as orientadoras, decidimos aplicar o inquérito a todos os docentes da escola, de modo a tornar mais significativo o universo de respondentes e, por consequência, a relevância dos resultados que viessem a ser obtidos. Simultaneamente, a coordenadora do departamento de expressões propôs que apresentássemos o trabalho aos docentes do departamento, oportunidade que nos pareceu muito interessante uma vez que nos permitiria partilhar a análise dos resultados.

Quando nos preparávamos para iniciar o processo de entrega dos inquéritos aos docentes da escola, acabámos por ser obrigados a reequacionar a amostra que

háviamos considerado desejável. Com efeito, a falta de tempo disponível, no contexto das múltiplas tarefas inerentes ao estágio e a dificuldade de entregar os inquéritos a professores com quem nunca nos cruzávamos e/ou que desconhecíamos, aconselhou-nos a sermos mais prudentes na concretização da inquirição, preferindo garantir que a mesma se concretizaria respeitando o prazo previsto. Nesta medida, para assegurar que a opção tomada em alternativa seria fundada num critério coerente, acabámos por reconhecer a pertinência de realizar o estudo confinando-o ao nosso departamento, uma vez que as disciplinas que o compõem têm em comum uma componente marcadamente prática (Educação Física, Educação Tecnológica, Educação Visual, Educação Musical e Educação Especial), procurando desenvolver a motricidade, a capacidade de lidar com o próprio corpo, a sensibilidade, a imaginação, a expressão pessoal, social e cultural de cada um dos alunos. De acordo com os objetivos e os conteúdos programáticos específicos de cada uma, tendo em conta as características das turmas e o perfil de funcionalidade dos alunos que as integram. Deste modo, os docentes do Departamento de Expressões passaram a ser a nossa amostra.

Numa reunião de Departamento e aproveitando a presença de quase todos os docentes distribuímos os questionários. Esta estratégia facilitou-nos a recolha atempada da informação, uma vez que cada docente preencheu e entregou o questionário quase de imediato. Após a recolha de todos os questionários e do tratamento estatístico através do software IBM SPSS Statistics 20, procedemos à análise dos mesmos comparando-os com a literatura utilizada quando circunscrevemos a problemática.

Durante este processo surgiram algumas dificuldades ao nível do tratamento dos questionários, nomeadamente nas questões abertas, uma vez que a partir das respostas dos docentes, necessitámos de categorizar as suas respostas. Relativamente ao tratamento estatístico a principal dificuldade foi trabalhar com software IBM SPSS Statistics 20, uma vez que nunca tínhamos tido oportunidade de trabalhar com esta base. Para colmatar esta dificuldade, solicitámos a ajuda da professora orientadora que nos ensinou a trabalhar com o programa.

A fase da análise dos dados necessitou de ajustes e reformulação. A primeira análise dos resultados encontrava-se pouco reflexiva e muito descritiva, uma vez que a problemática utilizada para realizar esta análise era constituída maioritariamente por estudos empíricos, não contemplando informações de cariz mais teórico que sustentassem as nossas reflexões e que abarcassem todas as temáticas mencionadas no questionário. Por consequência, necessitámos de recorrer a uma nova pesquisa de referências bibliográficas e de uma nova reformulação da problemática. Após esta

reformulação foi-nos possível realizar uma análise sustentada pelos estudos e pela literatura consultada. A principal dificuldade sentida nesta reformulação foi encontrar literatura que tratasse a percepção dos professores sobre a importância do regulamento interno; o envolvimento dos encarregados de educação na construção da disciplina; o aluno ter uma opinião divergente do professor e dar uma resposta errada. Para ultrapassar esta dificuldade decidimos abordar estas temáticas a partir das nossas ideias e percepções, com base na nossa formação inicial e na nossa recente experiência como docentes. Considero que esta análise poderia ter sido ainda mais enriquecedora, se tivéssemos sido mais reflexivos nas temáticas abordadas, utilizando a literatura para corroborar as nossas reflexões. Tenho no entanto a consciência de que dificilmente podíamos ter ido mais além, mesmo com a dedicação que dispensámos a este trabalho, tendo em conta o tempo de que dispusemos para concretizar esta etapa.

Finalizada a análise dos resultados conseguimos responder às nossas questões de partida. Deste modo, em resposta à nossa primeira questão – “O que é que os professores consideram ser um comportamento indisciplinado do aluno, em contexto de aula?” A maioria dos docentes referiu que os comportamentos que colocam, ou ameaçam colocar, em causa a integridade física dos professores ou dos alunos eram considerados *muito graves*. Segundo Monteiro (2009), a maioria dos professores consideram *muito graves* os comportamentos que se refletem no disfuncionamento das relações entre os alunos e em problemas de relação professor-aluno.

Os comportamentos que prejudicam o bom funcionamento da aula foram considerados, como *graves*. Monteiro (2009) refere que estes comportamentos são de desvio às regras de trabalho em contexto de aula, que diz respeito ao incumprimento das regras necessárias ao desenrolar da mesma.

Relativamente, à nossa segunda questão de partida – “Que estratégias os professores referem utilizar, em contexto de aula, para a construção de um ambiente de disciplina?” O estabelecimento de regras foi uma estratégia que todos os docentes referiram utilizar, podendo ser realizado no início do ano e/ou sempre que necessário. Monteiro (2009) menciona que é imprescindível que os alunos tenham conhecimento das regras pelas quais se vão reger ao longo do ano letivo. Siedentop (1998) indica que para existir disciplina em contexto de aula, o professor deve definir e desenvolver comportamentos apropriados que dependem dos objetivos educacionais estabelecidos e do contexto onde se inserem. Renca (2008) refere ainda que as regras são essenciais para que se consiga criar um ambiente organizado que permita as interações, a comunicação e a aprendizagem.

Uma estratégia que os professores indicaram utilizar *muitas vezes* disse respeito tanto ao elogio do comportamento do aluno, quando o merece, como à sua admoestação face um comportamento inapropriado. Esta intervenção não se restringe apenas à repreensão do aluno, surgindo associada ao diálogo que se deve realizar com o aluno após o comportamento considerado censurável, com o intuito de se perceber as razões desse comportamento, e a fazê-lo compreender a sua responsabilidade e a necessidade de não reincidir nessas condutas no futuro.

Verificámos que os professores, quando questionados acerca da sua responsabilidade pela disciplina e indisciplina em contexto de aula, consideram ser *sempre* responsáveis pela disciplina e *raramente* responsáveis pela indisciplina. Renca (2008) refere que o professor é o principal agente da indisciplina e é o responsável pela organização da aula, Teixeira (2007) corroborando a ideia anterior refere que o professor é o responsável pelos atos indisciplinados, devido à “organização deficiente do espaço de aula”. Deste modo, Renca (2008) refere que o professor como organizador da aula é o principal responsável pela prevenção da indisciplina, através da ação educativa. Seguindo esta lógica, um bom organizador da aula é um professor que prepara as aulas e incentiva os alunos para a melhoria do clima de aula, contribuindo para a diminuição das manifestações de indisciplina.

Para complementar o nosso trabalho (anexo 19) e por sugestão das nossas orientadoras, decidimos apresentar algumas sugestões para que se previna a ocorrência de casos de indisciplina em contexto de aula.

Uma das tarefas subjacente a esta área diz respeito à realização de uma sessão de apresentação do estudo à comunidade escolar (anexo 20), dinamizando uma discussão envolvendo os presentes, pelo que, após o término do trabalho, começámos a idealizar a nossa apresentação, nos termos do desafio que nos tinha sido colocado pela coordenadora do departamento de expressões. Inicialmente tínhamos previsto apresentar apenas os resultados do nosso estudo ao departamento. No entanto, seguindo o conselho das orientadoras e do professor da disciplina de Investigação Educacional preparamos a apresentação desses mesmos resultados mas confrontando-os com a literatura consultada. Este docente colaborou connosco em todo o desenvolvimento do trabalho. Este conselho foi fundamental para nossa apresentação, porque ao apresentarmos os resultados com as respetivas comparações bibliográficas, os docentes ficariam a conhecer alguns estudos sobre o tema em questão, tornando, assim, o nosso trabalho ainda mais enriquecedor para o departamento.

Para a dinamização de uma discussão/conversa reflexiva com a participação ativa dos docentes fomos suscitando algumas questões ao longo da apresentação do trabalho, permitindo que os docentes conhecessem antecipadamente o que iria ser conversado no final da sessão. Foi fundamental a presença e a contribuição do professor da disciplina acima referida durante a sessão, uma vez que ao sublinhar as principais ideias do estudo, contribuiu para o início da reflexão/discussão com os docentes. Durante a conversa os docentes refletiram e transmitiram as suas ideias e opiniões relativamente às diversas questões colocadas. Considero que a nossa intervenção nesta discussão se situou essencialmente na moderação da conversa. Penso que poderia ter sido mais ativa, visto que tínhamos conhecimentos teóricos sobre o tema e poderíamos ter refletido juntamente com os docentes.

Para avaliarmos o nosso trabalho, no final da sessão solicitámos aos presentes que preenchessem um inquérito de satisfação (anexo 21). Os professores podiam classificar a nossa apresentação numa escala de 1 a 4, de pouco satisfatório a muito bom. A maioria dos professores classificou-a com nota 4. Esta avaliação permitiu-nos ponderar a perceção dos professores relativamente à nossa apresentação, podendo concluir-se que, no geral, todos os professores aprovaram o nosso trabalho.

Com a elaboração deste trabalho tive não só a oportunidade de trabalhar um tema que marca o quotidiano dos professores, como de conhecer qual a perceção dos professores do departamento sobre os comportamentos indisciplinados em contexto de aula, permitindo compará-la com a literatura consultada para o efeito. Seria benéfico para a escola se este estudo se alargasse a todos os docentes, para verificar se os resultados obtidos vão, ou não, ao encontro das nossas conclusões, para posteriormente ser apresentado a todos os docentes e, em conjunto, debaterem estratégias para a construção de um ambiente disciplinado no espaço de aula, contribuindo cooperativamente para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Diria mesmo que, caso a escola viesse a assumir como prioritário o esforço de recolha sistemática de dados estatísticos neste âmbito, podia beneficiar de uma reflexão continuada, sustentada nas tendências evidenciadas em cada ano letivo, permitindo compreender de um modo mais amplo e consistente o fenómeno da indisciplina em todo o espaço escolar e não apenas na sala de aula, uma vez que algumas situações ocorridas em contexto da sala de aula, principalmente entre alunos, são despoletadas nos espaços de convívio frequentados nos intervalos. Em suma, considero que hoje já não faz sentido que as escolas continuem a assumir a atitude tradicional de expectativa e de mera reação face à ocorrência de comportamentos indisciplinados, devendo, pelo contrário, implementar uma

estratégia global de caráter preventivo, assente na reflexão sobre os dados estatísticos coligidos por um observatório, a partir da informação prestada sistematicamente pelos diretores de turma, o que lhes permitiria pôr em prática um programa de tutorias dirigido aos alunos sinalizados. Os resultados obtidos na Escola Básica e Secundária D. Martinho Vaz de Castelo Branco, na Póvoa de Santa Iria, onde se implementou um gabinete de gestão de conflitos cuja ação se baseia na estratégia de intervenção acima descrita, são reveladores do decréscimo acentuado da indisciplina em todo o espaço escolar, incluindo naturalmente a sala de aula, bem como do número de procedimentos disciplinares instaurados³, repercutindo-se muito positivamente no clima de trabalho ao nível da sala de aula e, conseqüentemente, do sucesso dos alunos.

A informação prestada pelos diretores de turma ao observatório do gabinete de gestão de conflitos desta escola, permite identificar e analisar a natureza das ocorrências que são reportadas e a sua correspondência com as infrações aos deveres dos alunos, constantes no respetivo Estatuto, onde e quando ocorrem, quem comunicou a ocorrência, qual a medida disciplinar corretiva ou sancionatória aplicada, caso a situação em causa a tenha contemplado, entre outras informações. O tratamento estatístico destes dados permite perceber, de forma clara, os picos de conflitualidade ao longo do ano letivo, os locais onde ocorrem com maior persistência, a tipologia dessas situações, os anos de escolaridade com maior incidência de alunos envolvidos, para além de permitir verificar as situações de eventuais reincidências, viabilizando a ponderação se as medidas disciplinares aplicadas dissuadiram, ou não, os alunos em causa de voltarem a ter comportamentos passíveis de censura. Permite ainda a apreciação da eventual necessidade de reposicionar os assistentes operacionais no espaço escolar, de acordo com os locais em que se verifique um maior número de ocorrências.

Em síntese, a direção desta escola decidiu resolver o problema da conflitualidade de uma forma tão objetiva quanto possível, compreendendo as tendências ao longo de cada ano letivo, para então agir preventivamente. Naturalmente, esta estratégia implica a constituição de um grupo de professores determinados, com horas no seu horário para este fim, que seja capaz de manter uma forte ligação com os diretores de turma e uma relação de “cumplicidade” com os assistentes operacionais que agilize a intervenção no terreno, designadamente ao nível da sinalização dos alunos cujo perfil comportamental aconselhe o seu encaminhamento para o programa de tutorias.

³ Em três anos letivos consecutivos de implementação do projeto do GGC, 2010-2011, 2011-2012 e 2012-2013, apenas foi instaurado um procedimento disciplinar em cada ano.

A realização deste trabalho e a leitura extensiva de bibliografia contribuiu também muito positivamente para sustentar a minha intervenção perante os comportamentos inapropriados observados nas aulas de Educação Física, nos treinos do Desporto Escolar, nas aulas de Formação Cívica, na semana a tempo inteiro e na semana do 5º ano. Permitiu-me também repensar a minha perceção sobre esses comportamentos indisciplinados, bem como nas melhores estratégias a utilizar tanto para os prevenir como para os remediar. Possibilitou-me ainda perceber que as estratégias que anteriormente implementara durante as aulas eram pouco utilizadas pelos professores do Departamento, e pouco retratadas na literatura, podendo eventualmente ter um efeito reduzido na mudança dos comportamentos dos alunos. Assim, nas aulas elogiava os alunos pelo bom comportamento e advertia os alunos pelos maus comportamentos, referindo a necessidade de os evitar e em conjunto tentarmos solucionar o problema. Elogiar o aluno quando este melhorava o seu comportamento e conversar com os alunos perturbadores no final da aula, foram estratégias que considero fundamentais para a promoção de um clima relacional positivo entre professor e aluno, contribuindo assim para o sucesso educativo.

Deste modo, fiquei munida de um leque mais vasto de estratégias a utilizar no meu futuro profissional, potenciando a probabilidade de vir a resolver adequadamente os problemas com que porventura me vier a deparar.

Considero que um professor que investiga e que depois coloca em ação o que pesquisou e refletiu, torna mais pertinente e consequente o que põe em prática, uma vez que a mesma se concretiza em função do seu olhar crítico sobre uma realidade específica, fundamentando-se, em estudos de referência que não podem deixar de ser tidos em conta.

Futuramente poderei utilizar a preocupação subjacente a este trabalho, numa escola onde esteja colocada, utilizando todo o corpo docente como amostra para o estudo. Poderei verificar se todos têm a mesma perceção sobre os comportamentos indisciplinados dos alunos e se as estratégias para a construção de um ambiente de disciplina são comuns, ou se, caso tal convergência não se verifique, quais as estratégias de intervenção que se revelam mais pertinentes e eficazes. Considero também fundamental, a apresentação dos resultados do estudo a todos os docentes, para em conjunto se debaterem esses mesmos resultados, refletindo-se sobre experiências nesta área.

5 Área 3 – Participação na Escola

Nesta área de formação estão envolvidas duas formas de intervenção e de participação específica na vida da Escola: A conceção e dinamização de atividades de Desporto Escolar e a implementação e dinamização de outra atividade na Escola. Segundo o Programa do Desporto Escolar para 2009-2013 (anexo 22) a principal missão do Desporto Escolar é contribuir para o combate ao insucesso e ao abandono escolar, promovendo a inclusão e a aquisição de hábitos de vida saudáveis através da prática de atividades físicas desportivas, proporcionando o desenvolvimento do desporto nacional e a formação integral dos jovens. Deste modo:

A prática desportiva nas escolas, para além de um dever decorrente do quadro normativo vigente no sistema de ensino, constitui um instrumento de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Complementarmente, o Desporto Escolar promove estilos de vida saudáveis que contribuem para a formação equilibrada dos alunos e permitem o desenvolvimento da prática desportiva em Portugal. Assim, o Projeto de Desporto Escolar deve integrar-se, de forma articulada e continuada, no conjunto dos objetivos gerais e específicos do Plano de Atividades das Escolas, fazendo parte do seu Projeto Educativo.

(Ministério da Educação, 2009, p. 4).

No ano letivo de 2012-2013 existiram sete núcleos de Desporto Escolar nesta escola (Basquetebol, Voleibol, Futsal, Badminton, Ginástica, Patinagem e Ténis de Mesa). Cada professor de Educação Física foi responsável por um grupo-equipa e cada um dos estagiários acompanhou um núcleo. Os alunos da Escola têm a possibilidade de escolher uma das modalidades existentes e são acompanhados por professores experientes, que os auxiliam no desenvolvimento das suas capacidades físicas e a ultrapassar as suas dificuldades, usufruindo ainda da oportunidade de participar em competições inter-escolas, fomentando o gosto pela prática desportiva e pela competição. Segundo o Projeto Curricular de Agrupamento (2012):

As atividades de desporto escolar visam proporcionar aos alunos o aperfeiçoamento das técnicas desportivas, de acordo com a modalidade escolhida, o desenvolvimento do espírito de cooperação e respeito mútuo, bem como experiência na prática de competição desportiva formal, num ambiente regulado por critérios pedagógicos. (p.12)

Assim, o Desporto Escolar nesta escola é caracterizado também por ser inclusivo, uma vez que, os alunos com mais dificuldades numa determinada matéria poderão frequentar o núcleo com o intuito de colmatarem as suas dificuldades.

No momento em que tive de ponderar e decidir qual o núcleo de Desporto Escolar que iria acompanhar, foi claro para mim que não o podia fazer aleatoriamente. De facto, escolhi o núcleo de Basquetebol porque era uma modalidade em que me sentia menos à vontade, pelo que pensei que esta seria uma excelente oportunidade para promover a superação das minhas dificuldades. Como tal, através do acompanhamento e coadjuvação dos treinos e das situações de jogo em competição, tinha como principais objetivos: Melhorar a minha intervenção nas aulas de Educação Física e nos treinos (aprender a implementar progressões pedagógicas; observar as principais fragilidades dos alunos e dar-lhes feedbacks pertinentes, de modo a promover a sua aprendizagem); Adquirir competências ao nível do planeamento, condução e avaliação das atividades realizadas – treinos, encontros e competições; Conhecer todo o trabalho burocrático que está inerente a um núcleo de Desporto Escolar; Compreender e dominar todo o trabalho que é realizado na organização dos encontros e competições.

O trabalho do núcleo de Desporto Escolar iniciou-se com a sua divulgação, afixando à entrada do pavilhão o horário dos treinos e a folha para os alunos se inscreverem. Após a divulgação e o primeiro treino, onde conheci os alunos que se mostraram interessados, consultei os seus processos extraindo as informações necessárias para os inscrever na plataforma digital do Desporto Escolar. Esta pesquisa foi facilitada, uma vez que no início do ano letivo, no âmbito da área 4; consultei os processos dos alunos da turma que iria acompanhar. Deste modo, quando procurei as informações dos alunos sabia onde os processos estavam guardados e como deveria consultá-los.

O núcleo de Basquetebol era aberto a todos os alunos da Escola. No entanto, as competições eram destinadas apenas para os alunos do escalão de Infantis A, nascidos no ano de 2002. Os treinos deste núcleo realizaram-se às segundas-feiras e às quartas-feiras, com duração de 45 minutos, e foram lecionados no Ginásio C. Os alunos só conseguiam comparecer a um dos dois treinos semanais. Não tive a possibilidade de acompanhar o treino de quarta-feira, uma vez que a essa hora estava a frequentar uma aula na faculdade. Ficou estipulado com a professora responsável pelo núcleo que, como não podia estar presente no treino de quarta-feira, assegurava o treino de segunda-feira sempre sob a sua supervisão. Ainda assim, no início do segundo período, como estava

em interrupção letiva das aulas da Faculdade, foi-me possível participar e auxiliar a professora nos treinos de quarta-feira. Deste modo, consegui finalmente observar estes alunos, perceber as suas dificuldades e a melhor forma de as ultrapassar, ao contrário do que se tinha verificado durante o primeiro período, em que o único contacto que pude ter com eles foi nos dias dos torneios, sendo, por isso, difícil observar e corrigir o que era necessário em situação de treino.

No início do mês de outubro, para organizar o planeamento dos treinos de segunda-feira e conhecer os alunos, realizei a avaliação inicial e verifiquei que os alunos tinham naturais dificuldades técnicas e táticas, não atingindo o nível introdutório, de acordo com os níveis do Programa Nacional de Educação Física. Após esta avaliação, a professora responsável falou-me dos objetivos a atingir pelos alunos e o meu planeamento foi realizado com base nos objetivos estabelecidos e nos resultados da avaliação inicial. Durante a fase de planeamento dos treinos senti algumas dificuldades na sua concretização, visto estar pouco à vontade com a matéria, hesitando sobre a melhor maneira de potenciar a aprendizagem dos alunos. Assim, procurando minorar e ultrapassar estas dificuldades, falei com alguns colegas que são da área do Basquetebol e consultei alguns documentos com planeamentos de treino onde constavam alguns exercícios a serem aplicados nas sessões. Desta forma, tive a possibilidade de organizar o planeamento de um modo mais seguro e consistente, adaptando os exercícios às capacidades dos alunos. A realização de planos de unidade de ensino nas aulas de Educação Física, contribuiu para me auxiliar na organização estrutural do planeamento dos treinos, uma vez que a sequência de um treino é muito semelhante a uma aula de Educação Física, visto que em ambas existem três fases: Na parte preparatória realizamos o aquecimento e referimos aos alunos as tarefas a realizar e os respetivos objetivos, efetuando “pontes” com as aulas/sessões anteriores. Na parte principal realizamos as tarefas propostas e a principal preocupação do professor é ensinar e contribuir para o sucesso do processo ensino aprendizagem dos alunos. Na parte final deve ser realizado um balanço onde são referidos os principais aspetos positivos e/ou negativos observados no desenrolar da aula/sessão. Durante o planeamento, como o nível dos alunos era muito similar e, normalmente, apenas 10 alunos frequentavam os treinos, não me foi possível diferenciar o ensino, nem formar grupos de nível. Para colmatar este constrangimento, foi particularmente útil o contributo dos resultados da avaliação inicial que me permitiram identificar as dificuldades manifestadas por cada um dos alunos. Durante as sessões foquei a minha observação e intervenção nessas dificuldades. Por vezes, ainda tinha dúvidas se os exercícios estariam adequados às

capacidades dos alunos, mas a professora no final dos treinos foi-me dando feedbacks e sugestões para alguns exercícios, o que reforçou a minha confiança em termos de planeamento e concretização de cada sessão de treino.

Como comecei logo desde o início a conduzir sozinha os treinos, senti que fui ficando cada vez mais interventiva nas diferentes situações de jogo. Mesquita e Graça (2009) referem que o aluno necessita de compreender a utilização da técnica, contextualizada com as exigências do jogo. Assim, sempre que considerei apropriado, interrompi e expliquei ao aluno e ao grupo determinadas situações importantes para o jogo, nomeadamente as opções possíveis para passar a bola ao colega, utilizando os passes “picado” e de “peito”, sublinhando que, após o passe, deviam procurar de imediato espaço livre e desmarcarem-se do adversário, realizando sempre uma ligação com experiências vividas em jogos do Desporto Escolar. Corroborando esta ideia, Turner e Martinek (1999 citado por Mesquita & Graça, 2009) referem que o professor deve observar o jogo ou o exercício e em conjunto com os alunos analisam o problema tático e as soluções possíveis, intervindo com o intuito de ensinar. Os alunos mostraram-se particularmente empenhados durante os treinos, levando-me a pensar que, para além do natural entusiasmo próprio da prática desportiva, o meu planeamento contribuiu para o empenho dos alunos. Algumas estratégias utilizadas nas aulas de Educação Física foram utilizadas nos treinos de Basquetebol, como a criação de tarefas desafiantes para os alunos e a elaboração de um plano de observação durante os treinos. Ambas as estratégias contribuíram para a minha evolução enquanto profissional, porque as tarefas desafiantes aumentaram a motivação dos alunos e o plano de observação permitiu-me estar atenta a todas as atividades desenvolvidas na aula. No final de cada treino realizei uma autoscopia, com a finalidade de refletir sobre a sessão, permitindo-me destacar os aspetos que considerei positivos e negativos de modo a sustentar uns e a procurar erradicar os outros. Existiu sempre um clima relacional favorável nos três níveis: Professor-Aluno; Procurei ajudar sistematicamente os alunos a ultrapassar as suas dificuldades; Aluno-Aluno: Procurei incentivar a cooperação e a interajuda entre todos os alunos; Aluno-Tarefa: Observei com agrado a evolução de todos os alunos ao longo dos treinos, mostrando-se cada vez mais empenhados no desenvolvimento das tarefas. O clima relacional entre todos os membros da comunidade, para além de ser um fator comum em todas as áreas que integram o estágio pedagógico, deve estar sempre presente contribuindo para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. A realização do trabalho da área 2 permitiu-me implementar determinadas estratégias passíveis de promover um ambiente de disciplina durante os treinos, como elogiar o comportamento

do aluno e/ou adverti-lo perante um comportamento inapropriado. Uma das estratégias que privilegiei desde o início do ano foi a implementação de regras para o bom funcionamento do treino, zelando pelo seu cumprimento com a calma e a ponderação que as circunstâncias pontualmente aconselharam. É de sublinhar igualmente que o grupo foi assíduo e pontual, estando sempre disponível para levar e montar o material no ginásio.

Os alunos participaram em seis encontros desde o início do ano, durante os quais tive sempre uma participação ativa. Como referem Rosado e Mesquita (2009) o professor deve dar informações claras, concisas e concretas aos alunos, dando preferência ao carácter positivo e específico da informação. Neste sentido, antes dos jogos, relembrei aos alunos os aspetos fundamentais trabalhados nos treinos e, durante os jogos, fui dando feedbacks e instruções aos alunos de acordo com as circunstâncias. Bloom, Durand-Bush e Salmela (1997 citado por Rosado & Mesquita, 2009) referem a necessidade de existirem duas sessões com os atletas, uma breve logo a seguir ao jogo e outra mais longa e analítica na sessão seguinte ao jogo. Seguindo esta linha de pensamento, no treino a seguir ao encontro realizei sempre um balanço sobre os aspetos positivos e negativos observados no desenrolar dos jogos. Deste modo, em conjunto com os alunos analisámos as diversas situações e tentámos arranjar soluções nos treinos.

O acompanhamento do núcleo de Basquetebol foi essencial para a minha formação como professora. À partida sentia-me efetivamente pouco à vontade nesta matéria, e hesitante sobre a melhor forma de ensinar os conteúdos aos alunos. Mas a oportunidade de poder aprender com a experiência e o conhecimento da professora responsável e a adoção de práticas de intervenção progressivamente mais consistentes, resultantes dessa experiência privilegiada e do meu processo de registo, reflexão e de autoavaliação, viabilizaram a superação das dificuldades iniciais. Quanto aos objetivos estabelecidos inicialmente para a minha formação, ter a possibilidade de conduzir os treinos do Desporto Escolar permitiu-me estar mais interventiva nas aulas de Educação Física, no que se refere aos jogos desportivos coletivos, principalmente na matéria de Basquetebol, uma vez que ao observar os erros dos alunos passei a dar-lhes feedbacks descritivos e prescritivos com o intuito de serem ultrapassadas as suas dificuldades. Por outro lado, ao auxiliar a professora responsável fiquei a conhecer como se realiza o trabalho burocrático inerente a um núcleo e adquiri as competências necessárias para a realização do planeamento e condução das sessões de treino. Futuramente uma das minhas funções como professora de Educação Física poderá passar pela organização de um núcleo de Desporto Escolar. Assim, este acompanhamento foi inequivocamente uma

mais-valia para a minha formação, porque tive a oportunidade de auxiliar a professora em todas as tarefas inerentes a um núcleo de Desporto Escolar. No fundo, considero que encarei a minha intervenção no núcleo de Basquetebol com uma oportunidade de melhoria, desenvolvendo-a com a mesma determinação com que irei enfrentar as dificuldades que vierem a surgir no meu percurso profissional. Ou seja, ter a capacidade de equacionar um determinado problema ou constrangimento e procurar encontrar as melhores soluções para o ultrapassar, socorrendo-me dos princípios teóricos disponíveis, partilhando experiências com os colegas e adotando boas práticas, de acordo com o modo particular como me posiciono enquanto professora de Educação Física.

Relativamente à implementação e dinamização de uma outra atividade, o núcleo de estágio participou como um todo no projeto “Dos 8 aos 80”, projeto que a escola dá continuidade todos os anos e que é organizado por todos os professores do Departamento de Expressões.

A primeira fase do trabalho passou pela elaboração de um projeto da atividade, sendo necessário proceder à leitura cuidada do plano anual de atividades e de projetos dos anos transatos, a fim de percebermos em que consistia a atividade e os seus reais objetivos. Através da leitura dos trabalhos realizados nos anos anteriores (projetos e balanços) tomámos conhecimento dos aspetos positivos e negativos evidenciados durante o desenvolvimento da atividade, pelo que procurámos não cometer os mesmos erros. Aferimos os principais objetivos da atividade: Otimizar o clima educativo e as relações entre os intervenientes do ato pedagógico; Promover a interação entre as diversas gerações; Potenciar as relações com a comunidade próxima; Promover o gosto pela atividade física; Relacionar a prática de atividade física com a prevenção de doenças cardiovasculares; Promover um primeiro contacto dos alunos do 4º ano com a sua futura escola, contribuindo desta forma para uma integração efetiva.

Depois de concluirmos a elaboração do projeto reunimo-nos com a professora orientadora e com a coordenadora do departamento de expressões, com o objetivo de apresentarmos a planificação da atividade. A reunião permitiu-nos perceber que alguns jogos tradicionais propostos não eram os mais indicados para a faixa etária dos participantes, pelo que ajustámos as atividades de modo a garantimos a segurança dos intervenientes. O planeamento e a lecionação de aulas de Educação Física para alunos do 5º e do 6º ano auxiliaram-nos na escolha dos jogos tradicionais, uma vez que os participantes desta atividade tinham a mesma faixa etária. Propusemos que no dia da atividade se oferecesse um pequeno lanche aos participantes, ideia que foi aprovada

pela orientadora e pela direção da escola. Em sequência, solicitámos patrocínios a duas entidades comerciais, mas não obtivemos qualquer resposta. Considero que as propostas foram apresentadas adequadamente, e que a ausência de resposta se deveu, essencialmente, ao clima económico pautado por dificuldades que tem caracterizado a vida do nosso país. No entanto, penso que se tivéssemos solicitado patrocínio a um maior número de entidades próximas da escola, podíamos eventualmente ter aumentado a probabilidade de se verificarem respostas positivas. Lamentavelmente a ideia acabou por não ser concretizada, uma vez que não foi possível encontrar uma alternativa em tempo útil.

Então, foi tempo de iniciar a sua implementação. Em primeiro lugar entrámos em contacto com as pessoas e entidades habitualmente envolvidas na atividade em termos organizacionais. Falámos com um dos responsáveis pela junta de freguesia de São João de Brito, já que esta autarquia colaborou em anos anteriores com o empréstimo de materiais para a realização dos jogos e com a participação do grupo sénior “Os Briosos”, dando deste modo continuidade ao seu envolvimento na atividade. Falámos em seguida com as coordenadoras das escolas do 1º ciclo do agrupamento para convidar os alunos do 4º ano a participar na atividade e entregar as respetivas autorizações dos pais e encarregados de educação. Complementarmente, solicitámos a cada professor de Educação Física do 2º ciclo que seleccionasse quatro alunos por turma, para participarem na atividade, sendo que cada equipa participante seria constituída por um par de alunos oriundos de cada uma das turmas.

No que respeita à formação das equipas, decidimos constitui-las de modo a que cada uma integrasse alunos de todos os ciclos e de todas as escolas do agrupamento, designadamente, alunos do 1º ciclo (em número variável de acordo com as turmas), um elemento do grupo “Os Briosos”, um professor ou encarregado de educação, dois alunos de uma turma de 5º ano e dois alunos de uma turma de 6º ano. Ao constituirmos as equipas desta forma promovemos a interação entre as gerações e potenciamos as relações com a comunidade. No entanto, tivemos algumas dificuldades durante a formação das equipas, uma vez que uma das escolas se mostrou indisponível a participar na atividade, já muito próximo da data da sua realização e os professores do 2º ciclo atrasaram-se na entrega das autorizações dos alunos, fazendo com que tivéssemos de reformular por diversas vezes as equipas. Foi necessário solicitar a colaboração dos alunos do 8º e do 9º ano, para serem os responsáveis pelas equipas, uma vez que se verificou uma reduzida adesão dos encarregados de educação. Solicitámos também a

colaboração de alguns professores do departamento para ficarem responsáveis por uma estação ou equipa.

Por sugestão da nossa orientadora entrámos ainda em contacto com outros dois docentes da nossa escola. Um dos professores leciona a disciplina de educação musical, e mostrou-nos como funciona o material de som para o utilizarmos no dia da atividade, tendo o núcleo de estágio conseguido ser autónomo na montagem deste material no dia do evento. O outro professor leciona educação tecnológica e foi uma preciosa ajuda através do contacto que estabeleceu com entidades que disponibilizaram as identificações das equipas, lembranças e prémios para os participantes. Esta contribuição libertou-nos destas questões organizativas para nos cingirmos noutras igualmente importantes. O material angariado pelo professor chegou no dia anterior à atividade, pelo que os pormenores relacionados com esse material apenas puderam ser resolvidos nesse dia. Considero que teria sido pertinente falar com maior antecedência com o professor, evitando constrangimentos de última hora.

Constituímos uma capa com as principais informações relativas à atividade, para cada equipa, contendo a lista dos membros da sua equipa, o mapa das atividades e um documento com a ordem das atividades a realizar nesse dia. Considero que esta estratégia foi bem conseguida porque ao distribuímos todas as informações às equipas, garantimos que estas funcionassem autonomamente durante a atividade, não estando dependentes das orientações dos organizadores. Esta estratégia contribuiu também para estarmos disponíveis para algumas questões que foram acontecendo durante a atividade.

Iniciámos o dia da atividade com a montagem de todo o material necessário, processo que se desenvolveu rapidamente porque no dia anterior tínhamos deixado já preparado o material no Ginásio C (organizámos o material necessário para cada estação e as lembranças para oferecer aos participantes; afixámos a constituição das equipas nos placards; e preparámos as capas para cada equipa), o que nos permitiu rentabilizar o tempo. À medida que os participantes foram chegando solicitámos que confirmassem a sua equipa e que permanecessem junto ao local onde estava indicado o respetivo número. Esta organização específica foi facilitada, uma vez que tínhamos enviado previamente aos participantes a constituição das equipas, evitando uma aglomeração junto do placar. Assim, quando os participantes chegavam dirigiam-se de imediato para junto do local destinado à sua equipa. A afixação do número das equipas permitiu-nos perceber se as equipas estavam completas ou se faltava algum elemento, possibilitou-nos ainda referir que aquele era o ponto de encontro da atividade e distribuir as capas pelos responsáveis, realizando uma breve explicação da atividade a cada equipa

individualmente. A nossa atividade contou com 21 equipas, sendo que as equipas de 1 a 11 começariam a atividade nos jogos tradicionais (1º turno) e da 12 à 21 nos ateliers de expressões (2º turno), tendo de se deslocar novamente para o ponto de encontro a meio da manhã. Considero que esta estratégia se revelou acertada uma vez que tudo decorreu de forma organizada e fluída, conseguindo que a transição cumprisse o horário previsto e que as equipas respeitassem as indicações nas transições. Relativamente a esta transição o grupo sabia que em anos anteriores esta fase tinha sido um dos pontos débeis da atividade, pelo que assegurámos que um dos responsáveis fosse aos ateliers e levasse consigo as equipas para o ponto de encontro e para a segunda parte da atividade, enquanto outro responsável reuniu as equipas do 1º turno, seguindo pelo sentido oposto, entregando-as nos ateliers de expressões, evitando-se com esta estratégia que as equipas se cruzassem.

Naturalmente, o núcleo de estágio organizou-se de modo a conseguir realizar a cronometragem do tempo de cada rotação, transmitir as informações necessárias às equipas, garantir o bom funcionamento dos jogos, circular pelo espaço e recolher os resultados de cada estação, em cada rotação. Para esta última tarefa elaborámos uma grelha de registo das classificações, contemplando todos os jogos e todas as equipas, no sentido de facilitar a contagem final dos pontos de cada equipa. Considero que esta estratégia foi bem conseguida, uma vez que assegurámos que a contagem de pontos fosse acontecendo ao longo de toda a atividade, não a deixando apenas para o final o que poderia levar à dispersão dos participantes.

Ao longo da atividade fomos nos apercebendo do maior ou menor sucesso de alguns jogos. Percebemos que o nível de dificuldade em alguns jogos estava bastante elevado o que nos levou a introduzir alguns ajustamentos, tornando-os mais acessíveis aos participantes. O jogo “às cegas” não se encontrava bem posicionado espacialmente, uma vez que estava junto ao sistema de som e os participantes que deveriam dar as indicações ao colega não se conseguiam fazer ouvir. Quando planeamos as atividades no pátio principal devíamos ter tido em atenção este aspeto, devendo esta estação estar na ponta oposta ao sistema de som. A ajuda dos professores responsáveis pelas estações foi imprescindível para o reajustamento dos jogos.

Considero que durante a atividade fomos atingindo os diversos objetivos estabelecidos e que conseguimos criar um bom clima relacional entre os membros da comunidade escolar e entre as diferentes gerações participantes na atividade. Os membros do grupo “Os Briosos” ensinaram os alunos a manusear o arco e gancheta, fomentando assim o espírito de grupo e a cooperação dentro do mesmo. Tivemos

oportunidade de estimular o gosto pela prática de atividade física, visto que criámos um clima bastante positivo nas atividades. Ao participarem nesta atividade os alunos do 4º ano tiveram um primeiro contacto com a sua futura escola. O único objetivo que não foi alcançado dizia respeito à prática de atividade física como prevenção de doenças cardiovasculares. Podíamos ter proposto às orientadoras a existência de um espaço dedicado ao centro de saúde de Alvalade, para serem realizados rastreios aos intervenientes da atividade. Podíamos também ter oferecido panfletos aos intervenientes, uma vez que estes ficariam mais despertos para os benefícios da atividade física na saúde.

Na atividade deste ano houve duas atividades novas, designadamente a estação de boccia e um desfile da instituição CERCI. Estas duas atividades tornaram a iniciativa global mais inclusiva e enriquecedora. Os participantes tiveram a oportunidade de experimentar uma modalidade paraolímpica juntamente com atletas paralímpicos. O desfile possibilitou que a comunidade escolar conhecesse o trabalho desenvolvido pela instituição, permitindo que, em simultâneo, concluíssemos o apuramento das classificações finais.

No final procedemos à entrega de prémios. Como os participantes ficaram a assistir ao desfile, pudemos ter todos os participantes presentes na entrega de prémios. Durante a distribuição dos prémios os participantes começaram a aglomerar-se junto dessa zona, o que nos levou a constatar que devíamos ter delimitado a zona de entrega de prémios, evitando a referida aglomeração, pelo que as equipas apenas se aproximariam quando fossem chamadas.

O desenvolvimento desta atividade foi importante para o meu processo de formação, porque para além de ter a oportunidade de organizar uma atividade desta envergadura, pude exercitar todos os passos organizativos necessários para futuramente realizar uma atividade semelhante. As dificuldades sentidas durante todas as fases da atividade foram importantes, uma vez que nos permitiu repensar a organização da atividade e exigiu que tivéssemos a capacidade e a agilidade de as ultrapassar em tempo útil. Foi possível colmatar todas as situações que requereram uma rápida tomada de decisão devido ao bom clima de trabalho e de relação entre os organizadores, uma vez que fomentamos o espírito de equipa, cooperação e entreajuda, essenciais para o sucesso do trabalho em grupo.

Durante o ano letivo tive ainda a oportunidade de colaborar em diversas atividades do subdepartamento de Educação Física, nomeadamente na organização das Eugeniadas, Corta-mato escolar e na fase regional do mega sprint, mega km e mega

salto. As Eugeníadas são atividades desportivas que abarcam todos os alunos do 2.º ciclo da escola: Para o 5º e 6º ano realizaram-se o jogo do mata e o torneio da bola ao fundo, respetivamente, enquanto a competição de Ginástica e o torneio de Futebol foram dirigidos aos dois anos de escolaridade. Para o 3º ciclo organizámos um torneio inter-turmas de Voleibol e outro de Futebol no contexto da designada “Taça Eugénio”.

Foi muito importante para a minha formação estar presente na fase de planeamento, organização e execução de todas as atividades, consolidando desta forma as bases que todas me proporcionaram e que terei em devida conta no meu futuro profissional. Neste sentido, considerando que na área 4 - “Relação com a Comunidade”, o professor estagiário devia compreender a importância da relação escola – meio e promover iniciativas na escola em que participasse a comunidade escolar, o meu envolvimento empenhado em todas as atividades descritas constitui, por si só, uma evidência da importância que confiro à relação entre a escola e o meio em que se insere.

6 Área 4 – Relação com a Comunidade

Uma das competências relativas a esta área passa por identificar/apreciar criticamente e intervir ativamente nas atividades inerentes à direção de turma e conselho de turma, onde se inclui o acompanhamento e lecionação das aulas de Formação Cívica. Importa, nesta medida, contextualizar de forma mais precisa as funções atribuídas ao diretor de turma, atendendo à importância de que se revestem tanto junto de docentes, como de alunos como, ainda, dos pais ou encarregados de educação. O diretor de turma desempenha funções como a de coordenação, das atuações de cada professor no âmbito da área da sua docência e a função de articulação entre os professores, os alunos e encarregados de educação (Roldão,1995). Naturalmente, cabe-lhe presidir às reuniões do conselho de turma, independentemente dos assuntos a tratar, sendo coadjuvado por um docente que exerce as funções de secretário e que assegura a elaboração da respetiva ata. Sublinhe-se ainda os termos em que a legislação em vigor se refere às suas funções, designadamente através do disposto no número 2, do artigo 41.º da Lei n.º 51/2012, de 5 de Setembro – Estatuto do Aluno e Ética Escolar:

O diretor de turma (...) enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais ou encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem. (p.5115)

Deste modo, segundo Silva (2007):

A eficácia do desempenho das funções do diretor de turma passa pela sua capacidade de liderança e como utilizar o poder, que se traduz na forma como interage com os outros, como percebe as situações e contingências e como estabelece comunicação com todos os intervenientes do processo educativo. (p.61)

Na primeira reunião de diretores de turma tive a oportunidade de conhecer a diretora de turma que eu viria a acompanhar durante o ano letivo, momento em que conheci e compreendi, mais detalhadamente, a importância do trabalho a desenvolver ao longo do ano. O trabalho conjunto com a diretora de turma iniciou-se com a preparação e organização dos documentos relativos aos alunos da turma. Começámos por ler e analisar todos os processos individuais, identificando os alunos com necessidades educativas especiais e os alunos com retenções ao longo do seu percurso escolar. Esta primeira abordagem aos processos dos alunos auxiliou-me quando necessitei de consultar os processos dos alunos inscritos no Desporto Escolar. Esta análise permitiu-me conhecer o historial académico dos alunos da turma e as características pessoais de alguns em particular. Realizei igualmente um levantamento da avaliação dos alunos em Educação Física, o que me permitiu criar algumas expectativas sobre o seu desempenho nas aulas. Organizámos os dossiers com a legislação em vigor referente a alunos e professores, as fichas com os dados pessoais dos alunos, um separador para as justificações das faltas e outros documentos da turma que a professora considerava importantes. Preparámos o dia da receção dos alunos, a primeira reunião com os encarregados de educação e a primeira reunião de conselho de turma.

Na primeira reunião de conselho de turma, como refere Roldão (1995), devem ser apresentados o enquadramento socioeconómico e cultural da turma; a caracterização de situações de diversidade étnica, linguística e cultural; o passado escolar dos alunos e a caracterização da turma em geral. Deste modo, juntamente com a diretora de turma apresentámos ao conselho de turma a caracterização dos alunos e da turma em geral, sublinhando alguns aspetos que considerámos relevantes sobre alguns alunos em particular. Esta reunião permitiu-me ter um primeiro contacto com os professores da turma, ocasião que foi importante para mim na medida em que, apesar de ser estagiária, me senti acolhida como uma entre iguais, contribuindo muito positivamente para o reforço dos meus níveis de confiança enquanto docente em formação.

Para conhecer a turma elaborei um estudo de turma, através de três instrumentos: a ficha individual do aluno, a ficha biográfica e o teste sociométrico. Através dos dois primeiros conheci as características pessoais dos alunos, os seus interesses e a sua relação com a disciplina de Educação Física. O teste sociométrico permitiu-me realizar um estudo sociométrico, verificando a teia de relações interpessoais estabelecidas no seio da turma. A elaboração deste estudo é importante para o professor compreender as escolhas e as rejeições existentes na turma. Considero que os diretores de turma devem efetuar este teste na sua turma, uma vez que lhes permite perceber se existem alunos que são excluídos e rejeitados pelos colegas, situações que podem originar constrangimentos no clima de trabalho da turma, para além de eventuais manifestações complicadas em termos comportamentais, caso não se encontrem formas de atuação passíveis de as dissipar ou, pelo menos, de as controlar. Por outro lado, considero também que é fundamental apresentar os resultados obtidos ao conselho de turma. Deste modo, os professores ficam a conhecer as relações existentes na turma, contribuindo, portanto, para uma melhor organização e gestão das suas aulas. Na primeira avaliação intercalar tive a oportunidade de apresentar este estudo ao conselho de turma, partilhando as principais conclusões a que cheguei. O facto de os docentes do conselho de turma terem ficado surpreendidos com os resultados obtidos, tanto em relação a alguns alunos que foram considerados rejeitados, como em relação aos mais escolhidos, corrobora a importância que atribuo à partilha dos resultados do estudo sociométrico, uma vez que foi um elemento facilitador do planeamento e da gestão das aulas pelo conselho de turma. Assim, segundo Marques (2002 citado por Almeida, 2012) o conhecimento mais aprofundado do aluno pelo diretor de turma e pelo conselho de turma, poderá contribuir para a melhoria do rendimento escolar do aluno, levando a conhecer-se a si mesmo, a conhecer a comunidade, a formar atitudes e hábitos, a desenvolver valores e projetos de vida.

No que respeita à minha prática docente, a realização do estudo permitiu-me conhecer as principais características dos alunos, auxiliando-me nas aulas de Educação Física, uma vez que ao identificar a tipologia das relações existentes na turma consegui organizar e gerir a aula, nomeadamente ao nível da formação dos grupos de trabalho. Estes foram formados consoante o nível dos alunos, mas tive a preocupação de articular esse critério com o tipo de relações existentes, no sentido de evitar comportamentos desviantes e fora da tarefa. A realização deste estudo foi também benéfica para a diretora de turma, uma vez que a informação disponibilizada foi tida em conta na elaboração do plano de trabalho de turma. Com os resultados obtidos tentámos

solucionar os problemas existentes na turma, ao longo do ano letivo, nomeadamente ao nível dos alunos mais rejeitados. Durante as aulas de Formação Cívica e de Educação Física, prestei particular atenção à formação dos grupos de trabalho, de modo a colocar os alunos rejeitados junto dos alunos mais escolhidos pelos seus pares e também mais trabalhadores. Deste modo, foi notória uma lenta mas gradual mudança de atitude dos alunos no seu todo, verificando-se que os alunos em causa começaram a integrar-se mais na turma, numa dinâmica de estreitamento de relações pautada pela aceitação mútua.

Uma das horas destinadas ao trabalho de direção de turma foi dedicada ao trabalho de natureza mais administrativa. Desde cedo tomei a iniciativa de assumir uma atitude ativa perante algumas tarefas: Consultei o livro de ponto de onde extraí e justifiquei as faltas dos alunos na plataforma digital; Abri o livro de ponto, registando em cada dia as disciplinas a lecionar; Auxiliei a diretora de turma na organização dos dossiers da turma. Ao realizar estas tarefas de forma autónoma mostrei ter uma atitude proactiva, o que me permitiu conhecer e aprender a desenvolver o trabalho de um diretor de turma, funções que decerto desempenharei no futuro.

Noutra dimensão do seu trabalho, o papel do diretor de turma é fundamental nas relações que se estabelecem no conselho de turma, segundo Roldão (1995) este deve:

Conhecer os objetivos e natureza das áreas curriculares com que cada professor trabalha; valorizar todas as áreas disciplinares e o seu contributo para a formação integral do aluno; conhecer bem os professores, os seus modos de trabalhar e as suas preferências em termos de tarefas cooperativas; Apelar e dinamizando a responsabilização e participação de todos no trabalho comum a desenvolver relativamente à turma. (p.16)

Durante o ano letivo tive oportunidade de participar em todas as reuniões do conselho de turma, momentos particularmente importantes uma vez que se reúnem formalmente todos os professores para, em conjunto, conceberem estratégias para resolver problemas específicos da turma em geral, e de cada aluno em particular. Auxiliei a diretora de turma na preparação de todas as reuniões de conselho de turma, nomeadamente ao nível da organização dos documentos a apresentar aos professores, bem como a coligir algumas informações importantes relativas aos alunos. Colaborar com a diretora de turma na preparação das reuniões, foi extremamente importante para a minha formação, uma vez que pude acompanhar todo o processo de preparação que antecede cada reunião. Foi igualmente importante a confiança depositada em mim pela

diretora de turma na realização de algumas tarefas, permitindo-me realizá-las de forma autónoma. Considero que fui ficando cada mais interventiva nas reuniões, dando por vezes a minha opinião relativamente ao comportamento e aproveitamento dos alunos em contexto de aula. Este facto deveu-se ao trabalho realizado no âmbito da área 2, uma vez que pude analisar as diferentes descrições que os docentes fizeram sobre o comportamento dos alunos. Considero que o comportamento dos alunos pode ser influenciado pelo contexto e organização da aula, o que leva os professores a terem perspetivas diferentes sobre os comportamentos indisciplinados, tendo em conta que o clima de trabalho e de relação é diferenciado nas várias disciplinas. Manifestei a minha opinião nas reuniões sempre que considerei pertinente mas, acima de tudo, privilegiei a observação atenta do modo como a diretora de turma coordenava os trabalhos e exercia a sua liderança de uma forma tão natural quanto competente. Foi sem dúvida uma experiência enriquecedora para o meu futuro desempenho destas funções.

A colaboração entre a escola-família assume um papel crucial no desempenho e no sucesso educativo dos alunos. O diretor de turma é o elo de ligação entre a escola e a família, segundo Zenhas (2004) o diretor de turma deve manter os encarregados de educação informados sobre a assiduidade e desempenho escolar dos educandos. Durante a minha formação tive oportunidade de contactar com os encarregados de educação tanto nas reuniões gerais como nos atendimentos individuais.

As reuniões de encarregados de educação decorreram no início de cada período letivo, a fim de se abordarem as avaliações finais dos seus educandos. Estas reuniões são fundamentais, porque o diretor de turma tem a oportunidade de dar a conhecer aos encarregados de educação o comportamento e o aproveitamento dos alunos nas diversas disciplinas. Para que sejam alcançados os objetivos que se pretendem alcançar nas reuniões, é imprescindível prepará-las previamente. Segundo Marques (1993, citado por Zenhas, 2004) para que as reuniões sejam bem conseguidas é necessário definir as suas finalidades e os objetivos a atingir na mesma, na convocatória aos encarregados de educação, devem ser transmitidas as finalidades da reunião, para que estes possam intervir e apresentar propostas. Durante a reunião o diretor de turma deve ter sempre em mente os objetivos previamente estabelecidos para a mesma, segundo Marques (2001, citado por Zenhas, 2004) o diretor de turma deve ouvir os encarregados de educação, sem interrompê-los; não se deve mostrar irritado com as críticas à escola ou aos professores, comprometendo-se a dar conhecimento das informações aos professores da turma; Não comentar alunos em particular e deve utilizar uma linguagem adequada aos encarregados de educação. Durante estas reuniões mantive sempre uma atitude passiva

mas atenta, intervindo apenas no final, dirigindo-me aos encarregados de educação a propósito do aproveitamento e o comportamento dos alunos nas aulas de Educação Física.

Os atendimentos individuais são momentos de particular importância, onde o diretor de turma e o encarregado de educação podem conversar sobre o seu educando, sublinhando eventuais preocupações, tentando encontrar as melhores soluções para as ultrapassar, como referem Henderson, Hunt e Day (1994, citado por Zenhas, 2004) Os atendimentos individuais englobam diversas funções, incluindo a partilha de informações sobre o domínio do desenvolvimento dos alunos (cognitivo, social, emocional e físico) e a cooperação na prevenção e resolução de problemas. Neste sentido Zenhas (2004) refere a importância de uma boa dinamização da reunião, onde se transmite informações sobre o aproveitamento e o comportamento do educando, permitindo-lhes atuar de forma a que as famílias se sintam apoiadas e que favoreçam a colaboração entre a escola-família. Nos atendimentos aos encarregados de educação tive a possibilidade de estabelecer um contacto mais próximo e conversar com os mesmos sobre o desempenho escolar dos seus educandos. Considero que estes momentos são muito relevantes uma vez que aproximam os encarregados de educação da escola, estreitando os laços de proximidade que continuamente se promovem.

Considero benéfico para a minha formação ter participado nestas reuniões, uma vez que os pais e encarregados de educação transportam consigo uma perspetiva diferente da escola e do seu papel na construção do futuro dos seus filhos e educandos, partilhando expectativas e anseios, para além de nos permitir conhecer melhor o contexto familiar em que os nossos alunos se integram e, por essa via, compreender mais objetivamente as suas atitudes, o seu grau de interesse e de empenho no seu percurso escolar.

De acordo com o Projeto Curricular do Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (s.d) a Formação Cívica é uma oferta complementar da escola e é lecionada pelo diretor de turma. Esta disciplina visa a educação para a cidadania, contribuindo para a formação de futuros cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes. Segundo Jacinto (2006) para que a Formação Cívica tenha impacto nos alunos e que os leve à mudança dos seus comportamentos, é necessário que se realizem atividades que promovam a motivação, aprendizagem e a sociabilidade, como visitas de estudo, trabalhos de grupo e debates, com o intuito de se desenvolver o respeito pelos sentimentos dos outros, aprender a conviver num ambiente democrático e contribuir para o enriquecimento cultural e social dos alunos, numa perspetiva de cidadania. No início as

aulas de Formação Cívica destinaram-se essencialmente à resolução de problemas no seio da turma e a conversar com os alunos sobre o seu comportamento nas restantes disciplinas, ocorrendo a minha intervenção apenas quando solicitada pela diretora de turma. Com o intuito de ter uma intervenção mais participativa e mais ativa nas aulas de Formação Cívica, propus à diretora de turma a condução de algumas aulas e a realização de trabalhos de grupo. Depois de aprovada a minha iniciativa, o primeiro tema trabalhado durante o segundo período foram os comportamentos de risco, englobando subtemas como: o Doping, as Drogas, o Álcool, os Distúrbios Alimentares, o Tabaco e as Doenças Sexualmente Transmissíveis. Com o objetivo de os alunos terem um papel mais ativo nas decisões sobre os temas a trabalhar na aula, no terceiro período os alunos puderam escolher o tema que queriam tratar: Os Animais em vias de extinção, o Bullying, a Influência das Redes Sociais e o Meio Ambiente. Os alunos dispuseram de cerca de cinco aulas para desenvolver o trabalho. Após estas aulas os grupos teriam de apresentar à turma o trabalho realizado em cartolina. Ao longo das aulas os grupos estiveram sempre empenhados no desenvolvimento da tarefa e apresentaram trabalhos com boa qualidade. Considero que foi importante desenvolverem estes trabalhos, uma vez que sendo temas atuais contribuíram para a aprendizagem dos alunos e desenvolveram, para além do seu espírito crítico, a sua capacidade de cooperação em trabalho de equipa, para além de consciencializarem importantes princípios de vida enquanto cidadãos. Futuramente seria importante aproveitar o trabalho realizado na área 2 e abordar as questões de indisciplina com os alunos, tentando perceber através de testemunhos reais o que os alunos consideram ser um comportamento indisciplinado, concebendo então as estratégias mais adequadas a utilizar pelos professores durante a aula. Complementarmente, seguindo a preocupação já evidenciada de compreender o fenómeno da indisciplina para melhor a prevenir em todo o espaço escolar, seria interessante cruzar os testemunhos de alunos e de docentes retirando dessa reflexão as conclusões que sustentariam um plano de ação concreto dirigido a uma realidade concreta evidenciada pelos que lhe dão vida.

Para ter uma participação ainda mais ativa nesta área propus inicialmente às professoras orientadoras e depois à diretora de turma, uma visita de estudo ao Teatro Camões para que os alunos assistissem ao espetáculo “Dance Bailarina Dance” da Companhia Nacional de Bailado. Este espetáculo integrava, para além dos bailarinos da Companhia Nacional de Bailado, alunos que frequentavam a Escola Superior de Música. Considerei pertinente tomar esta iniciativa uma vez que a turma integrava muitos alunos inseridos no âmbito do regime articulado, frequentando igualmente o Instituto Gregoriano

de Lisboa, a Academia de Amadores de Música ou a Escola de Música do Conservatório Nacional. Os alunos que frequentavam estas escolas tinham aulas de instrumentos como flauta, violino, violoncelo, piano, cravo, entre outros, pelo que estavam familiarizados com estéticas de expressão artística relevantes, predominantemente ao nível da música. Neste espetáculo, os alunos teriam a possibilidade de ver os alunos do ensino superior a tocar igualmente inúmeros instrumentos. Ao proporcionar que os alunos assistissem a este bailado tive a oportunidade de fomentar igualmente o gosto pela dança, expressão artística em que se combinam os ritmos, as melodias e as harmonias musicais com a destreza de um desempenho físico que obedece a uma coreografia, a uma planificação dos movimentos corporais individuais e do grupo, não deixando de ter uma componente de interpretação em que o sentimento justifica a amplitude dos movimentos, os gestos e a ocupação do espaço numa linguagem corporal muito própria.

A área 3 - “Participação na Escola” e a área 4 - “Relação com a Comunidade”, são influenciadas uma pela outra, no sentido em que todas as atividades da escola são desenvolvidas para a comunidade escolar. Exemplo disso foi o caso da atividade “Dos 8 aos 80”, onde participou grande parte da comunidade escolar, desde alunos a encarregados de educação, a professores e a funcionários da escola. O auxílio e o contributo da comunidade escolar durante a fase de planeamento, preparação e implementação da atividade foram fundamentais para o seu sucesso.

Nas tarefas inerentes à direção de turma tive a possibilidade de entrar em contacto com diversas pessoas da comunidade escolar, o que me auxiliou quando tive de comunicar com os intervenientes da atividade “Dos 8 aos 80”.

Por fim, considero que esta área assumiu igualmente um papel muito relevante durante a minha formação. Com efeito, para a aquisição de conhecimentos e de experiências sobre todas as funções inerentes à direção de turma, o contributo da diretora de turma foi fundamental para mim, uma vez que tive a oportunidade de trabalhar com uma professora experiente, profissional e cooperativa, que me auxiliou em todas as tarefas e que, acima de tudo, depositou confiança na minha capacidade para realizar algumas tarefas de forma autónoma, o que contribuiu para que a experiência se tornasse tão enriquecedora quanto gratificante. Neste sentido, projeto o desempenho destas funções no futuro assumindo-me como um elemento dinamizador e integrador do conjunto de relações que estarão sempre presentes: diretora de turma/alunos, diretora de turma/professores da turma e diretora de turma/pais e encarregados de educação. Colher e partilhar informação, de forma metódica e sistemática, sobre o desempenho e o comportamento dos alunos, permitirá monitorizar o seu percurso escolar e tomar em

tempo útil as decisões que se justificarem. Embora tenha perfeita consciência da importância das tarefas de ordem burocrática e administrativa que crescem à coordenação das relações referidas, procurarei agir enquanto diretora de turma, dando a primazia aos fatores que mais diretamente promovam a integração dos alunos no meio escolar, a qualidade das suas aprendizagens e, conseqüentemente, o seu sucesso escolar. Em suma, vejo-me a desempenhar o papel de promotora de um trabalho colaborativo e articulado entre os professores da turma e os pais/encarregados de educação tendo sempre os alunos como fonte e destino do nosso esforço comum.

7 Conclusão

O final do estágio pedagógico encerra um ciclo de formação inicial como professora estagiária de Educação Física. Contudo, marca igualmente o início de uma nova etapa e a certeza de que deverá existir em permanência uma formação contínua e uma autoavaliação do trabalho desenvolvido quotidianamente no sentido de melhorar as minhas competências enquanto professora de Educação Física.

Ao longo de todo o relatório fui evidenciando a relação existente entre as quatro áreas que compõem o estágio pedagógico, sendo claro que todas as dimensões se interligam, principalmente se perspetivarmos o processo global de formação como uma dinâmica que se alimenta através do recurso a elementos que, apenas aparentemente, respeitam em exclusivo a cada uma das quatro áreas. De facto, se a necessidade de explicar com detalhe tudo o que foi realizado em cada uma das áreas, pode eventualmente gerar a ilusão de que constituem áreas isoladas e estanques, a realidade da ação quotidiana demonstra precisamente o contrário. Ainda que cada uma das áreas referidas tenha exigido uma atenção especial em momentos determinados do estágio, a multiplicidade de aprendizagens adquiridas em cada uma, a reflexão crítica continuada sobre as dificuldades a ultrapassar e o planeamento do que seria necessário fazer para as ultrapassar, estiveram sempre presentes. Todos os desafios que foram surgindo obrigaram à ponderação do melhor caminho a percorrer, em função da avaliação efetuada. Assim, considero que as quatro áreas foram transversais a todo o processo de formação, concorrendo na justa medida do que era necessário em cada momento, da mesma forma como se apresentarão, transversalmente, enquanto pilares da minha ação docente no futuro.

Nesta medida, fica igualmente claro que em todo o processo de estágio e para todas as atividades ou tarefas a desenvolver estiveram presentes três fases: o planeamento, a condução e a avaliação. Uma tarefa ou atividade só terá sucesso se for

devidamente planeada e organizada, se durante a condução o professor observar as aprendizagens dos alunos e avaliar essas mesmas aprendizagens, para posteriormente analisar se os objetivos educativos estão ou não a ser alcançados, procedendo em sequência de acordo com a análise produzida. Ao longo da sua carreira docente o professor deve ser um profissional reflexivo por natureza. Convicta de que esta postura crítica é determinante para garantir a qualidade do trabalho desenvolvido, identifiquei, em momento posterior à concretização das diferentes tarefas, os aspetos que considerei positivos e negativos na minha intervenção e prática pedagógica, no sentido de consolidar uns e de considerar outros como oportunidades de melhoria.

O clima relacional favorável, o espírito de cooperação, bem como a partilha de conhecimentos e de experiências contribui para o sucesso do desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes. Deste modo, considero ter sido fundamental o desenvolvimento do trabalho de grupo no seio do núcleo de estágio, no esforço que desenvolvi para colmatar as dificuldades por vezes sentidas durante este processo e desenvolver de forma consistente as competências necessárias para exercer a profissão. O corpo docente e o não docente da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos foram também fundamentais para a minha formação. Os professores porque nunca me fizeram sentir um corpo estranho na comunidade educativa, tendo beneficiado, pelo contrário, da sua colaboração e apoio sempre que deles necessitei, merecendo em todas as ocasiões de uma palavra simpática e de estímulo. Do pessoal não docente recebi sempre um tratamento cordato e respeitoso, não tendo vislumbrado qualquer palavra ou atitude diversa da que dispensavam aos restantes professores. Nunca me senti, portanto, fora do contexto, pelo que me adaptei muito bem a uma realidade que até ao início do estágio me era completamente alheia. Não posso obviamente esquecer que os alunos foram indispensáveis para o meu desenvolvimento como professora de Educação Física. De facto, foi através deles e com eles que tive a oportunidade de pôr em prática tudo o que aprendi durante a minha formação inicial, pelo que foram parte integrante do meu crescimento como professora, e principais destinatários do entusiasmo e crescente competência que coloquei em todo o meu trabalho.

Faço um balanço muito positivo de todo o processo desenvolvido no estágio pedagógico, consciente de que as dificuldades iniciais só foram ultrapassadas com muita persistência tanto ao nível do trabalho individual como do esforço conjunto partilhado pelos formandos do núcleo de estágio. As conquistas dos alunos tanto a nível académico, como social e pessoal foram também uma conquista para mim enquanto professora. Adquiri as competências necessárias para desempenhar as funções docentes,

nomeadamente as que estão inerentes ao planeamento, à condução das aulas e à avaliação das aprendizagens dos alunos. A preparação da instrução inicial, tornando-a concisa e objetiva, referindo apenas os aspetos essenciais da aula, passando pela demonstração das tarefas e a constante preocupação de utilizar o questionamento dirigido para me auxiliar a perceber se os alunos estavam a acompanhar o que estava a ser ensinado durante as aulas; o acompanhamento efetivo durante a aula e a preocupação em dar feedbacks pertinentes contribuiu para o sucesso do processo ensino aprendizagem dos alunos; o acompanhamento de um núcleo de Desporto Escolar foi fulcral para ultrapassar as minhas lacunas iniciais ao nível dos jogos desportivos coletivos e adquirir as competências necessárias para organizar e gerir futuramente um núcleo; acompanhar uma diretora de turma tão experiente quanto competente foi igualmente importante, porque conheci todo o trabalho a ser realizado na gestão e coordenação de uma direção de turma, permitindo-me realizar algumas tarefas de forma autónoma. Desta forma, contribuiu para que adquirisse competências e concretizasse experiências a desenvolver no meu futuro profissional. O estudo realizado sobre a perceção dos professores acerca dos comportamentos em contexto de aula, contribuiu para aferir a minha própria perceção sobre os comportamentos indisciplinados e a ponderação das estratégias que fui pondo em prática durante a minha formação, perspetivando-as igualmente em termos de futuro. A reflexão que este estudo desencadeou e a necessidade de aprofundar o meu conhecimento sobre uma dimensão tão importante para o clima relacional e para o sucesso do processo de ensino aprendizagem, acabou por me permitir conhecer um projeto particularmente interessante, desenvolvido numa escola da área da grande Lisboa, o qual me levou não só a pensar a problemática da indisciplina em meio escolar de um modo mais abrangente e inovador, como estimulou a minha consciência de que sou também uma potencial agente de mudança, numa realidade em constante mutação. A Escola não se encontra fechada numa redoma, imune às múltiplas dinâmicas inerentes ao meio em que se insere, pelo que tudo nela se reflete, exigindo respostas adequadas em termos organizacionais. A situação económica e social que se vive em Portugal é exemplificativa desta constatação. Dir-se-á que estas são preocupações inerentes à gestão de cada escola... concordo, obviamente, mas não podem ser preocupações exclusivas da direção. Para além de todas as aprendizagens e experiências que o estágio pedagógico me proporcionou, passei a ver a Escola de outra forma, concluindo que está em cada um de nós a força de uma Escola que se quer voltada para o futuro.

Em síntese, considero que o estágio foi importantíssimo para a estruturação do meu pensamento e da minha ação pedagógica enquanto docente. Permitiu-me acima de tudo consolidar a capacidade de harmonizar dinamicamente a trilogia “planificação/ monitorização/ avaliação”. Em boa verdade, esta trilogia está presente em todo e qualquer processo inerente à função docente, incluindo naturalmente a avaliação das aprendizagens dos alunos. Embora não me fosse estranha, tenho consciência de que o estágio viabilizou uma capacidade acrescida de operacionalização deste processo, pelo que os conhecimentos e a experiência agora adquiridos são intrinsecamente mobilizáveis para a minha futura docência, enquanto ferramenta conceptual e de enquadramento da prática pedagógica, que será de primordial importância para o papel que desejo desempenhar no permanente processo de mudança que tem de estar subjacente à vida de qualquer escola.

8 Bibliografia

Almeida, S. (2012). *A ação do Diretor de Turma na promoção do trabalho colaborativo do conselho de turma*. Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte

Carvalho, L. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*. Boletim SPEF, n.º10/11 Verão/Outono de 1994, pp. 135-151

Duarte, M. (2009). *Articulação e Sequencialidade nos Agrupamentos de Escolas*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Jacinto, M. (2006). *Dinâmica do Director de Turma na promoção do envolvimento da Família na Escola - Um Contributo para a Diminuição da Indisciplina*. Tese de Mestrado. Universidade Aberta.

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. e Carvalho, L. (2001). *Programa de Educação Física (reajustamento), Ensino Básico 3º Ciclo*. Novembro de 2001

Inspeção Geral da Educação (2010). *Avaliação Externa das Escolas – Relatório de escola, Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos*. Ministério da Educação, Novembro 2010

Limas, C. & Rafael, M. (1993). *Dimensão pessoal e interpessoal e relação educativa*. In J. Tavares (Ed.), *Dimensão Pessoal e Interpessoal na Formação* (pp. 79-107). Aveiro: CIDINE

Mesquita, I. & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp.39-68). Cruz Quebrada: Edições FMH

Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2009). Programa do Desporto Escolar para 2009 2013. Desporto Escolar.

Monteiro, C. (2009). *Indisciplina e Violência Escolar*. Tese de Mestrado. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Mosston, M. & Ashworth, S. (2008) *Teaching Physical Education, First Online Edition of Teaching Physical Education*.

Onofre, M. (1995) Prioridades de formação didática em Educação Física. *Boletim SPEF*, nº12, 75-97.

Ribeiro, J. & Onofre, M (s.d) As perceções de estagiários e orientadores sobre as práticas de supervisão pedagógica num processo de estágio pedagógico em Educação Física. *Actas IX Simposium de Poio*. Consultado em 25 de Maio de 2013 do sítio: http://redaberta.usc.es/uvi/public_html/images/pdf2007/jose%20pedro%20ribeiro.pdf

Renca, A. (2008). *A indisciplina na sala de aula: percepções de alunos e professores*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Roldão, I. (1995) O Diretor de Turma e a gestão Curricular. Acedido a 6 de junho de 2013 em: <http://area.dgidec.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge02/index.htm>

Rosado, A. (s.d) Conceitos básicos sobre planificação didática. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto - Estudos 7* (pp. 27- 47). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Rosado, A. (2009) *Pedagogia do Desporto e Desenvolvimento pessoal e social*. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 9-19). Cruz Quebrada: Edições FMH

Rosado, A., Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem optimizando a instrução. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp.69-130). Cruz Quebrada: Edições FMH

Rosado, A., Silva, C. (s.d) *Conceitos Básicos sobre Avaliações das Aprendizagens planificação didática*. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto - Estudos 6* (pp. 21- 44). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Sarmiento, P. (s.d) *A Demonstração como Processo de Auto-Observação*. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto - Estudos 1,2,3* (pp. 25- 33). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Silva, M. (2007) *O Diretor de Turma e a Gestão Curricular no Conselho de Turma - Consenso ou Conflito?*. Tese de Mestrado. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Siedentop, D. (1983). *Developing teaching skills in physical education*. 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company

Teixeira, C. (2007). *Representações da indisciplina de professores do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Escola Superior de Educação - Universidade do Algarve.

Zenhas, A. (2004). *A Direcção de turma no centro da colaboração entre a escola e a família*. Tese de Mestrado. Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.

Documentos consultados:

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (2010). *Projeto Educativo*. Lisboa. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (s.d.). *Projeto Curricular*. Lisboa. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas Póvoa de D. Martinho (2010). *Gabinete de Gestão de Conflitos*. Lisboa. Documento não publicado.

Decreto-Lei nº 51/2012 de 5 de setembro. *Diário da República nº172 – 1ª Série*. Ministério da Educação. Lisboa.

Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2011). *Protocolo de Avaliação Inicial 2º e 3º Ciclos*. Documento não publicado.

Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (s.d.). *Projeto Curricular de Educação Física*. Documento não publicado.

Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2012). *Protocolo de Avaliação Sumativa Física*. Documento não publicado.

Guia de Estágio Pedagógico – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2012-2013

9 Anexos

(Em CD, formato digital)